

RAFAEL GUSTAVO RAMOS FERREIRA

ATLETAS BELO-HORIZONTINAS NO VOLEIBOL UNIVERSITÁRIO NORTE-AMERICANO: ANÁLISE DO FENÔMENO DE MIGRAÇÃO DE ESTUDANTES-ATLETAS BRASILEIRAS.

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

2010

RAFAEL GUSTAVO RAMOS FERREIRA

**Atletas belo-horizontinas no voleibol universitário
norte-americano: análise do fenômeno de migração de
estudantes-atletas brasileiras.**

Trabalho apresentado à disciplina TCC II ministrada pela professora Ivana Montandon Soares Aleixo do Departamento de Esportes da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra Meily Assbú Linhales

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Aluno: Rafael Gustavo Ramos Ferreira

Matricula: 2006011469

Curso: Educação Física

Modalidade: Licenciatura

Título: Atletas belo-horizontinas no voleibol universitário norte-americano:
análise do fenômeno de migração de estudantes-atletas brasileiras

Professora Orientadora: Dra. Meily Assbú Linhales

Nota: _____

Conceito: _____

Resultado: _____

Data: ____/____/____

Prof^a. Dra. Meily Assbú Linhales
Orientadora

Prof^a. Dra. Ana Cláudia Porfírio Couto
Coordenadora do Colegiado de Graduação do curso de Educação Física

RESUMO

O presente estudo teve por finalidade fazer um levantamento acerca do fenômeno de migração de estudantes/atletas brasileiras em direção ao voleibol universitário norte-americano. No primeiro momento é apresentada a problemática levantada e o diálogo com os estudos utilizados como referência sobre o fenômeno da internacionalização dos estudos e as especificidades esportivas da modalidade em questão. O estudo apresenta ainda uma aproximação com a realidade esportiva e acadêmica relativa aos dois países em foco e a relação esporte-estudo própria de uma e outra realidade, bem como o investimento feito por famílias brasileiras tendo em vista a representatividade que este fenômeno tem para os familiares dessas atletas. No segundo momento são apresentados os caminhos metodológicos seguidos que caracterizaram o estudo como uma pesquisa exploratória. Para a obtenção dos dados relevantes ao desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a entrevista com roteiro semi-estruturado, com foco em temas baseados nas trajetórias esportivas e acadêmicas. A partir das transcrições de entrevistas foram elaboradas as análises que se expressaram nos seguintes eixos principais: relação esporte/escola, a organização do esporte brasileiro e os objetivos das atletas com os intercâmbios. Através destes eixos foi possível a confirmação da tendência de que estas atletas buscam nos intercâmbios novas possibilidades de conciliação de estudos e esportes e que se trata de atletas de nível técnico amador. Também pudemos identificar a presença relevante de uma tendência da continuidade da carreira longe da vida de atleta para estas estudantes que investem neste tipo de intercâmbio.

Palavras-Chaves: esporte universitário, estratégias de internacionalização dos estudos, capital simbólico, voleibol.

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo 1	
Internacionalização dos estudos e aquisição de bens simbólicos: o esporte como forma de acesso.	08
1.1 Histórico do fenômeno e ocorrência na atualidade	08
1.2 Relação entre a escola e o esporte	13
1.3 O fenômeno de migração de estudantes-atletas de Voleibol	17
Capítulo 2	
A construção da pesquisa de campo	22
2.1 Os procedimentos adotados	23
2.2 O convite aos sujeitos	25
2.3 O momento das entrevistas	26
2.4 A transcrição das entrevistas	27
Capítulo 3	
Entrando em quadra: idas e vindas do voleibol brasileiro	29
3.1 O aquecimento: trajetórias no esporte e na escola	29
3.2 Passando a bola: Importação de atletas	35
3.3 O levantamento: objetivos e expectativas	43
3.4 Decisão do Rally: Os agentes	47
Considerações Finais	54
Referências Bibliográficas	57
Anexos:	
Anexo 1: Roteiro de entrevista – Atletas	59
Anexo 2: Roteiro de entrevista – Agentes	62
Anexo 3: Carta Convite	63
Anexo 4: Autorização para utilização do documento de transcrição de entrevista	65

Introdução

Na condição de graduando em Educação Física, foi recorrente em minha formação e atuação profissional o contato com o universo do esporte. Trata-se, portanto, de um dos principais, conteúdo da Educação Física ocupando posição de hegemonia na representação social a respeito da Educação Física.

O voleibol sempre foi a modalidade para a qual dediquei maior atenção tendo em vista minha trajetória como atleta e praticante assíduo deste esporte. Nessa condição, não me são desconhecidas as práticas e a dinâmica do universo do Voleibol brasileiro, principalmente em Minas Gerais em suas diversas esferas: escolar, amadora, universitária e também do alto-rendimento.

Uma característica que vem surgindo como nova possibilidade no universo do voleibol mineiro é a questão dos intercâmbios esportivos. Esses intercâmbios consistem em um período de estudos universitários fora do país aliado a uma atividade como atleta universitário. O principal destino para o qual esses atletas se dirigem são os Estados Unidos que vem recebendo principalmente atletas em suas ligas universitárias de voleibol feminino.

Este trabalho surge na perspectiva de um maior entendimento a respeito deste novo caminho para o esporte nacional, especificamente o voleibol. Proponho aqui, um primeiro contato com a internacionalização dos estudos condicionado a um compromisso esportivo no exterior tendo em vista a inexistência de produção científica brasileira a respeito do assunto.

Algumas questões nortearam a elaboração deste trabalho a fim de compreender melhor o fenômeno em questão. De que modo estas atletas vem direcionando suas atenções para este novo “mercado”? Quais características têm se mostrado necessárias para a concretização deste intercambio? Como as famílias participam deste processo e qual relevância que dão esta iniciativa? Quais os fatores motivadores deste investimento? Na perspectiva da obtenção das respostas a estas questões foi utilizada a entrevista com sujeitos que mantêm relação com a temática dos intercâmbios esportivos. Esta foi a principal fonte de dados utilizada, mas também me baseei em outros estudos e pesquisas relativos ao tema.

A voz destes sujeitos em diálogo com a literatura consultada culminou em uma interpretação da realidade apresentada e discutida no trabalho. Esta

interpretação não deixa de lado as minhas impressões pessoais e certo conhecimento sobre parte dos temas contemplados neste estudo.

A pesquisa exploratória utilizada como metodologia de produção científica vem legitimar o olhar interpretativo do investigador e credencia o mesmo também como um sujeito construtor da realidade apresentada. Sendo assim, foi a abordagem escolhida para orientar o trabalho em questão.

Os momentos das entrevistas foram tranquilos e aconteceram em locais diversos devido à dificuldade de conciliação de horários e disponibilidade para as entrevistas. Diferentes espaços abrigaram as entrevistas. Desde restaurantes até academias de ginástica e inclusive uma das entrevistas foi realizada através de videoconferência por meio do programa *skype*.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira:

No Capítulo 1 apresento o referencial teórico consultado e utilizado para a construção do trabalho. Construo uma discussão a respeito do histórico da internacionalização dos estudos no Brasil desde o período colonial até os dias atuais, bem como a representação social existente neste tipo de estratégia escolar. Coloco em diálogo a relação entre escola e esporte no Brasil e nos EUA e por fim apresenta pontos introdutórios à idéia do fenômeno de migração de atletas de voleibol rumo às Ligas universitárias norte-americanas.

Já o Capítulo 2 traz a discussão sobre o desenvolvimento da pesquisa. Fala dos procedimentos adotados para a coleta de dados e obtenção de fontes (entrevistas), a identificação dos sujeitos e a transformação das informações obtidas em material gráfico.

E no Capítulo 3 realizo a análise dos dados e a discussão acerca da mesma. Para isto, o material colhido foi dividido em quatro eixos de análise: trajetórias no esporte e na escola, importação de atletas, objetivos e expectativas e a palavra dos agentes. A ordem de ocorrência dos eixos de análise não necessariamente respeitou à ordem das questões presentes nas entrevistas ficando assim organizada de maneira a buscar elementos de diálogo entre as idéias dos diferentes sujeitos.

Nas considerações finais foram retomados alguns pontos importantes do trabalho e trago também conclusões para o fechamento deste trabalho.

Capítulo 1

Internacionalização dos estudos e aquisição de bens simbólicos: o esporte como forma de acesso.

Em escala mundial, um fenômeno relativamente novo vem ganhando ascensão dentro da Educação. Trata-se de um movimento de circulação de estudantes entre diferentes países, principalmente no mundo ocidental, ou seja, uma internacionalização das experiências acadêmicas em países estrangeiros. Este fenômeno vem acontecendo principalmente no nível superior de ensino, tornando-o o mais internacionalizado entre os níveis de escolarização.

A partir dos anos 90, este processo, que começou a se desenvolver principalmente após o final da Segunda Guerra Mundial, atingiu um novo patamar e alcançou grande abrangência mundial. Este fenômeno de internacionalização apresenta grande relevância em determinados setores da sociedade principalmente no meio acadêmico (NOGUEIRA; AGUIAR e RAMOS, 2008).

Histórico do fenômeno e ocorrência na atualidade

Desde os tempos coloniais um período de estudos no exterior vem se constituindo como uma estratégia educacional bastante valorizada pelos brasileiros. A proibição, imposta pela Corte à Colônia, de se criar qualquer tipo de ensino superior no Brasil, fazia com que as elites coloniais enviassem seus filhos à Europa para que lá tivessem acesso à educação superior inexistente em terras coloniais. (BRITTO, 1996 citado por NOGUEIRA, 1998)

A procura por esta vivência no exterior é também desejada nos dias de hoje, porém regida por regras e demandas contemporâneas. Na atualidade temos o surgimento e a expansão de organizações e agentes que se ocupam prioritariamente em oferecer serviços relacionados com experiências

internacionais para acadêmicos ou escolares. Tamanha procura e valorização simbólica e, principalmente, financeira do fenômeno de internacionalização das experiências acadêmicas e escolares resulta no surgimento e desenvolvimento de um mercado dos intercâmbios.

É grande a influência e a presença das agências de intercâmbio e turismo. Elas constituem-se como os principais responsáveis por auxiliar e oferecer serviços para estudantes e, muitas vezes, se apresentam como o principal meio de acesso à educação internacional. Devido à complexidade deste processo, muitas vezes é confiada às agências a tarefa de gerenciar os procedimentos necessários para a realização da tão sonhada experiência internacional freqüentemente denominada de Intercâmbio Cultural.¹

A literatura científica acerca da internacionalização dos estudos não era muito significativa do ponto de vista quantitativo até meados dos anos 90, especialmente as produções nacionais. Nogueira (1998) aponta a busca de dados em outras formas da abordagem social através da imprensa e da publicidade, como um caminho possível para a obtenção de informações relativas a esta nova dimensão que as estratégias educacionais vêm tomando nos dias atuais.

Podemos dizer que em épocas distintas, as estratégias educativas apresentam diversas formas de adesão e representação social como mostra Aguiar (2009) em trabalho de revisão literária acerca da temática. A autora aponta para as diferentes tendências ao investimento em estudos no exterior de acordo com os anseios dos diversos extratos sociais.

As especificidades da atenção ao internacional na atualidade são reveladas pelas diferentes modalidades de estratégias que visam à acumulação de bens simbólicos internacionais: elas ocorrem com maior freqüência, se estendem a novos grupos sociais e, além disso, se dão ao longo de todos os níveis de escolarização (AGUIAR, 2009, p. 69).

¹ É a realização de uma viagem ao exterior por um estudante - o futuro intercambista - com o objetivo de aprender os costumes, as tradições e o idioma de um outro país, ficando hospedado na casa de uma pessoa nativa desse país. Significa ainda a troca de conhecimentos entre viajantes e estudantes de diferentes países. Isso é alcançado, por exemplo, com cursos de idiomas ou colegial no exterior.

Neste cenário, vemos crescer o mercado dos agentes de intercambio tendo em vista a crescente demanda por parte dos intercambistas. De acordo com dados do Ministério das Relações Exteriores, somente na Irlanda havia em 2009 mais de 15 mil estudantes brasileiros, quase a metade dos 34 mil estrangeiros residentes na Ilha Anglo-fônica. O investimento nestas viagens estaria principalmente relacionado à aquisição de habilidades lingüísticas (proficiência em idiomas estrangeiros, principalmente o Inglês) e no contato com o modo de vida e culturas de outros países como observado por Nogueira (1997) em estudo sobre camadas médias intelectualizadas. Isto nos ajuda a perceber uma valorização deste tipo de experiência no exterior e um relativo prestígio que tais vivências teriam junto a certos grupos sociais, principalmente quando envolvem um período de estudos formais fora do país.

A valorização deste tipo de iniciativa parece refletir uma diferenciação relevante para determinados grupos, principalmente os mais privilegiados economicamente e as classes médias mais intelectualizadas, que vêem o investimento educacional como uma possibilidade de crescimento e caminho necessário para a formação pessoal e profissional de seus membros. Como apontam Nogueira (1998) e Aguiar (2009), a experiência internacional bem como todo o processo que a envolve tem grande significado e é bastante valorizada por pais que passaram por experiências de formação e/ou trabalho no exterior, em algum momento de suas trajetórias, os chamados pais cosmopolitas. A opção pela educação em um ambiente internacional atrai famílias que identificam em bens cosmopolitas uma forma de enriquecimento da mobilidade ascendente transgeracional (AGUIAR, 2009). Em outras palavras estas famílias parecem vislumbrar no investimento em traços culturais de outros países uma forma de distinção social e ainda uma maneira de crescimento em escala social.

A relevância de tais experiências vivenciadas antes pelos pais e ansiadas pelos mesmos à trajetória dos filhos se dá em duas lógicas distintas mas que mantém plena relação e diálogo entre si:

a da concorrência escolar, de caráter mais utilitarista, caracterizada em muitos casos pela intenção de proporcionar aos filhos maior competitividade em suas trajetórias escolares e também profissionais e outra menos utilitarista que, menos interessada em relação ao

êxito escolar, prioriza o bem estar psicológico e o desenvolvimento harmonioso da personalidade do filho (NOGUEIRA, 1998).

Neste mesmo estudo, Nogueira percebe que há nos depoimentos colhidos junto a estudantes que tiveram acesso a este tipo de experiência no exterior uma tendência à valorização do período de permanência fora do Brasil caracterizado, aparentemente, por uma tendência à exaltação de pontos positivos e negação ou ocultação dos pontos negativos traduzidos como fatores determinantes para o crescimento pessoal de acordo com a própria fala dos jovens. Para os grupos estudados, os aspectos julgados negativos da experiência como, por exemplo, dificuldades de adaptação ou discriminação, atrasos escolares no retorno ao Brasil, etc. são minimizados para os pais que vêem a internacionalização como uma “experiência que não tem preço”, que “vale à pena”. (AGUIAR, 2009)

Ultimamente as estratégias de internacionalização vêm ganhando adesão também de grupos sociais menos abastados de recursos sociais e econômicos. Nesses casos os itinerários são menos dependentes do capital familiar e mais marcados pelo movimento de ascensão por meio da escola. (BRITTO, 2004 citado por AGUIAR, 2009) Nessa perspectiva outros caminhos possíveis para experiências no exterior parecem se constituir como uma nova possibilidade, o que indica que extratos sociais que outrora não pensavam em intercâmbios acadêmicos/escolares como bem necessário para a educação dos filhos, vêm ampliados seus horizontes para possíveis intervenções educacionais fora do Brasil.

Há certamente uma heterogeneidade do fluxo de alunos estrangeiros para os diversos destinos ao redor do mundo. Entretanto, há também uma tendência ou uma predileção por determinados países que constituiriam assim um eixo central para onde este fluxo de estudante teria maior predileção. Estes países localizam-se em regiões tidas como “desenvolvidas”.

Nogueira (1998), com base em artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo, edição de 7/11/93, chama a atenção para dois destinos que praticamente monopolizavam a predileção dos estudantes que investiam em

estudos no exterior. A saber, os Estados Unidos e em seguida a Inglaterra². Já com dados de 1997, a *Brazilian Education & Language Travel Association* (BELTA) mostrou que naquele ano os países de predileção mantiveram os mesmos na preferência dos estudantes; EUA e Inglaterra. Entretanto observou-se também o surgimento de outros destinos ao redor do mundo para onde estes estudantes passaram a se direcionar: Austrália, Nova Zelândia, Espanha e França (NOGUEIRA, 1998).

Nogueira, Aguiar e Ramos (2008), com base em estudos da OCDE (*Organisation for Economic Co-operation and Development*), chamam atenção e destacam os principais destinos procurados por estudantes universitários ao redor do mundo:

No nível universitário, a preferência por certos países é evidente, visto que a maioria relativa dos jovens matriculados em instituições universitárias fora de seu país de origem encontra-se nos Estados Unidos (28%), seguido pelo Reino Unido (12%), Alemanha (11%), França (10%) e Austrália (9%). (NOGUEIRA, AGUIAR & RAMOS, 2008, p. 8)

Observa-se dessa forma, onde se localiza a predileção dos estudantes universitários que investem em estudos fora de seus países de origem. A maioria destes se dirige para países da Europa Ocidental, EUA e Austrália. Vale destacar que fora do continente Europeu, os únicos países que aparecem no topo da preferência dos estudantes têm como idioma oficial o Inglês. (NOGUEIRA, 1998; NOGUEIRA, AGUIAR E RAMOS, 2008; AGUIAR, 2009).

Este fenômeno está inserido em um contexto de relações desiguais entre as nações onde países tidos como desenvolvidos impõem seus atributos nacionais sobre países de menor prestígio no cenário internacional. Conseqüentemente a representatividade de experiências internacionais em países desenvolvidos se daria de forma mais eficaz no tangente à obtenção de capitais simbólicos quando comparadas a experiências em outros países fora do eixo de predileção global (WAGNER, 1998 e 2003 citado por AGUIAR, 2009).

² Dados da STB (Student Travel Bureau) maior operadora para cursos no exterior da época.

Aparentemente, o contato com estrangeiros e traços de culturas de outras nações desenvolvidas asseguram um certo signo de excelência, pois agregam certos capitais simbólicos socialmente reconhecidos dentro da sociedade brasileira, como sinônimo de distinção quando comparado a outros que restringem suas experiências a fatores exclusivamente nacionais (AGUIAR, 2009).

Relação entre a escola e o esporte

Neste cenário mundial de inter-relações acadêmicas, os Estados Unidos ocupam uma posição de destaque perante os outros países que recebem a maior parte do contingente de estudantes estrangeiros. Tanto pelo seu prestígio reconhecido em todo o mundo quanto pela sua influência política, econômica e cultural. Para além disso, há um diferencial norte-americano no que diz respeito ao esporte.

Diferentemente do que observamos no Brasil, por exemplo, nos EUA existe uma relação muito próxima entre a escola e o esporte. Ao passo que no Brasil a célula primeira do desenvolvimento esportivo é o clube, na figura das categorias de base e escolinhas, nos EUA o principal *locus* responsável pela iniciação e pelo processo de especialização esportiva dos estudantes é a escola. A proximidade entre o esporte e a escola nos EUA se estende até os níveis mais elevados de ensino e chega até o Esporte Universitário. Esta proximidade se estende até os níveis mais elevados no que diz respeito ao rendimento esportivo. O relato do jornalista Juca Kfofour citando na dissertação de doutorado de Marchi Junior (2001) exemplifica esta relação:

Diferentemente do Estados Unidos, onde a tradição esportiva nasce no colégio, diferentemente do Japão, onde a tradição esportiva nasce dentro da empresa, a nossa cultura esportiva é todinha formada pelo Futebol.(p. 201).

Os trechos a seguir, retirados da mídia eletrônica apresentam uma idéia da diferença de estrutura entre o voleibol brasileiro e norte-americano.

Em 1999 entrou para a Stanford University para estudar Relações Internacionais. Já no primeiro ano, como caloura, Logan foi vice-campeã da NCAA, [...] suas atuações eram tão impressionantes que em 2000, com apenas 19 anos, Logan foi convocada para a seleção principal. [...] Em 2001, Logan foi campeã da NCAA com Stanford e eleita a MVP. E em 2002 foi mais uma vez vice-campeã do campeonato universitário. [...] Foi em Janeiro de 2003 que o voleibol passou a ser verdadeiramente a profissão de Logan Tom. E foi um time brasileiro que marcou essa passagem na carreira da jogadora, o MRV Minas. Logan veio para atuar ao lado de jogadoras como Fofão, Érika, Elisângela, e as jovens Fabiana e Sheilla. (<http://voleisemfronteiras.blogspot.com/2010/07/perfil-logan-tom.html>)

"Nossas atletas do juvenil está em seu último ano na base e essa transição para o adulto é sempre difícil". O Paulistano já enviou diversas meninas para os Estados Unidos [...]. Muitos atletas têm aderido a essa opção de competição e voltam ao Brasil consagrados como é o caso de Lígia e da técnica mineira Fernanda Soares que seguindo os passos de Lígia, também iniciou sua carreira como jogadora e acabou se tornando uma técnica respeitada nos Estados Unidos. (<http://www.melhordovolei.com.br/conteudo.asp?tipo=1¬icia=n019109>)

Podemos identificar nestes dois trechos características das estruturas do voleibol nos dois países. Ao passo que para o campeonato brasileiro o que interessam são atletas consagrados, para os EUA o fluxo é de atletas em formação, em vias de finalizar seus anos nas categorias de base.

Percebe-se ainda que as ex-atletas mencionadas nas passagens não parecem ter dado continuidade à carreira como jogadoras profissionais, diferentemente da norte-americana citada. A consagração neste caso viria de uma progressão na carreira profissional distante da vida de atleta.

Ao chamar o esporte universitário de mercado, me baseio em fragmentos retirados das entrevistas bem como de matéria divulgada por um site especializado em voleibol.

"A jogadora que não pensa em se tornar uma profissional aqui no Brasil pode ir pra lá e ganhar bolsa integral em qualquer curso. Mas é muito importante o domínio do Inglês" [...] Algumas agências se especializaram nessas transferências e quem tiver interesse de estudar e jogar nos Estados Unidos podem se informar melhor... (<http://www.melhordovolei.com.br/conteudo.asp?tipo=1¬icia=n019109>)

No que se refere ao Voleibol, a história da modalidade é marcada por diferentes influências ao longo de seu processo de desenvolvimento. Partindo de um esporte que nasceu nos EUA e foi criado, ao que indicam os registros históricos, para atender à demanda de um grupo localizado dentro de uma estrutura clubística, a *Young Men's Christian Association* (YMCA), o voleibol se desenvolveu no Leste Europeu, passou por uma grande revolução no continente asiático, principalmente quanto ao desenvolvimento tático e técnico, e ganhou dimensões espetaculares no mundo ocidental. Este processo indica que o voleibol teve um trajeto e uma história diferenciada quando comparamos aos esportes de origem européia. (MARCHI JUNIOR, 2001).

O voleibol brasileiro, a exemplo dos outros esportes coletivos, passou por um processo de transição entre o amadorismo e o profissionalismo. Entretanto, a modalidade teve o seu próprio processo de desenvolvimento no país.

A partir da década de 1970 é que a modalidade começa a apresentar um princípio de organização mais efetivo com a participação e realização de grandes campeonatos de abrangência nacional e internacional. No âmbito nacional, os primeiros times a apresentaram desenvolvimento mais expressivo na modalidade eram time baseados em clubes de certo prestígio no cenário clubístico nacional, porém representados por suas equipes de futebol. Como é o caso de equipes como Santo, Flamengo e Botafogo.

A partir dessa análise, Marchi Junior (2001) chama atenção para o local de origem do Voleibol em ressonância com o seu local de desenvolvimento, *a priori*, no Brasil. O voleibol não parece ter seu desenvolvimento como prática esportiva, baseada em uma estrutura escolar, mas sim em uma estrutura clubística, a exemplo de sua criação nos EUA, no final do século XIX.

Estas características elucidam as idéias de Kfoury a respeito da célula de desenvolvimento do esporte brasileiro, guardando íntima relação com as idéias apresentadas por Damo (2007) a respeito do processo de formação de futebolistas no Brasil e na França. Segundo Damo, a formação de um jogador profissional de futebol exige em torno de 5.000 horas³ de dedicação à prática da modalidade em horas de treino, jogos e preparação. Fato este que ajuda a

³ Trata-se aqui de uma informação não exata a respeito do tempo necessário à formação de um futebolista. Informação baseada em observações da dinâmica dos centros de formação de jogadores.

demonstrar o quanto é oneroso o processo de formação de atletas na modalidade. Algo semelhantemente ocorre no processo de formação de atletas de alto rendimento no voleibol brasileiro.

A precocidade com a qual a formação de atletas começa fatalmente resulta em prejuízo no que diz respeito ao tempo dedicado a outras atividades da vida de crianças e adolescentes atletas. Quanto mais elevado o nível da prática e dos clubes freqüentados para o treinamento e competição, mais exigente é a rotina dedicada ao esporte e conseqüentemente menos tempo sobra para outras atividades como as escolares, por exemplo.

Damo (2007) exemplifica a precocidade da formação de atletas “à brasileira” em especial a formação de futebolistas e chama a atenção para a limitação destes garotos em relação ao desenvolvimento de conhecimentos diferentes daqueles experienciados e proporcionados pela prática do Futebol:

A impressão é de que os meninos do juvenil, de quem estive próximo, têm a maturidade de uma pessoa adulta, tais são as experiências às quais são submetidos. Porém, em se tratando de conhecimentos gerais, parecem não ter avançado muito desde quando entraram para os centros de formação. Os formadores têm muitas histórias de “jogador burro”. (DAMO, 2007, p.154)

No Brasil a especialização e a lapidação de talentos atléticos estão basicamente vinculadas aos clubes e distantes da escola. O envolvimento com a vida de atleta acaba gerando um distanciamento dos estudos considerando que a exigência dos clubes é muito alta. A seletividade através da qual esta estrutura opera reflete-se, muitas vezes, em um nível de cobrança que resulta em uma dedicação quase que exclusiva para o esporte. Neste contexto a escola e os estudos ocupam papel de coadjuvantes na vida de atletas de rendimento brasileiros já desde as categorias de base.

No caso específico do Voleibol, esta diferença entre as estruturas esportivas brasileira e norte americana, por exemplo, é claramente significativa. Ao passo que no Brasil temos uma especialização muito precoce da prática do voleibol dentro dos espaços dos clubes, nos EUA as *High Schools* são as responsáveis por esta iniciação ao esporte e ao treinamento sistematizado como sinaliza John Bale (1991).

Além disso há nos *Colleges* norte-americanos uma tradição de importação de atletas estrangeiros para atuarem nas ligas universitárias. Este intercâmbio já pode ser observado há algum tempo e faz parte da política de muitas instituições de ensino superior nos EUA. Este recrutamento de atletas estrangeiros é, de acordo com Bale (1991), especialmente controverso em alguns sentidos:

Na questão das vantagens que os estrangeiros levam sobre os norte-americanos no que diz respeito à faixa etária, pois chegam mais velhos do que os recém graduados nas High Schools; Os atletas e treinadores estrangeiros tendem a ser, no cenário esportivo mundial adversários, dos norte-americanos pois em competições internacionais representarão seus países de origem; Os atletas estrangeiros tiram o lugar e o dinheiro dos norte-americanos ao receberem bolsas de estudo e os demais investimentos dados a atletas universitários; Da mesma forma esta exportação tira dos países que cedem os atletas a possibilidade destes continuarem no país de origem e por lá se estabelecerem; Por fim a ameaça da exploração dos estudantes atletas e o imperialismo nos EUA (BALE, 1991, p. 10, tradução livre).

O fenômeno de migração de estudantes-atletas de Voleibol

Os atletas brasileiros não ficam à parte desta nova possibilidade de continuidade da carreira esportiva e acadêmica. Vem se tornando bastante recorrente a procura de atletas brasileiros por este novo “mercado”, principalmente em esportes chamados especializados como é o caso do Voleibol. Modalidade aliás que, já há um bom tempo, opera com a lógica do intercâmbio de profissionais tanto na exportação quanto na importação. Vale ressaltar que o próprio Voleibol ao longo de sua história apresenta momentos de influência de diferentes escolas ao redor do mundo que disseminaram seus modelos em busca de melhores performances e resultados além, obviamente, da hegemonia nas competições. (MARCHI JUNIOR, 2001).

Para Bale (1991), alguns países teriam uma predisposição a formar atletas principalmente em certas modalidades. Opinião essa muito influenciada pelos resultados obtidos por equipes e atletas em competições internacionais. Por exemplo a Jamaica teria uma grande capacidade de formação de velocistas. Por sua vez o Brasil tem seu potencial esportivo principalmente baseado em esportes coletivos como o Futebol e o Voleibol, por exemplo.

Muito da cultura esportiva dos países entra em cena quando se fala em formação de atletas e as modalidades em que isso acontece. Um fator relevante e, a meu ver definidor, é a popularidade das distintas modalidades em cada país. Sabemos que alguns esportes coletivos são muito populares no Brasil e por isso a formação de atletas nessas modalidades é realizada de maneira mais efetiva e em maior quantidade que em outros esportes. Isso cria certa excelência esportiva e resulta em visibilidade internacional (através de resultados de times e selecionados). Dessa forma o campo para a circulação de atletas dentro e fora do país se estabelece.

Algumas contribuições trazidas por Damo (2007) em relação à estrutura da formação de atletas do Futebol brasileiro podem também contribuir para melhor entendimento da dinâmica do Voleibol. Destaque para a fala do autor ao mencionar que:

...clubismo, cultura popular, agenciadores, mercado de profissão e de profissionais, são alguns dos dispositivos heteróclitos que se encaixam de maneira tal que o Brasil seja internacionalmente reconhecido como um celeiro de craques, abastecendo o mercado voltado à produção de bens simbólicos de vários países do mundo e, particularmente, da Europa Ocidental (DAMO, 2007, p.155).

A “exportação” de atletas de voleibol vem se tornando uma constante no Brasil, concomitantemente ao crescimento da modalidade no cenário internacional desde meados da década de 1980 até os dias atuais. A ascensão deste esporte e sua massiva popularização durante este período expuseram os atletas brasileiros em posição de destaque mundo afora. Este fato vem se refletindo nas ligas nacionais de Voleibol que eventualmente perdem para as ligas estrangeiras seus principais atletas, inclusive os mais importantes jogadores das seleções brasileiras, masculina e feminina.

O fenômeno de migração de atletas no cenário do voleibol brasileiro vem se dando através de várias idas e vindas, progressos e retrocessos, muito influenciados pelo investimento financeiro, prioritariamente da iniciativa privada, na montagem e manutenção de equipes de alto-rendimento no cenário esportivo brasileiro. Dessa forma ficando submetido aos interesses de grandes grupos patrocinadores, ora traduzidos em grandes cifras outrora em contenção de custos.

No começo da década de 1990, a tendência era de que os atletas de alto nível do Brasil se dirigissem para o exterior, em busca de mercados mais promissores em termos financeiros. No decorrer da década esse cenário sofreu mudanças e o Brasil passou, em certa medida, a importar estrangeiros e trazer de volta atletas brasileiros de destaque internacional, principalmente após a reformulação da Liga Nacional em Superliga.⁴ O período de 2001/2002 marcou um momento de retomada da tendência à exportação de atletas e uma queda no nível técnico do maior campeonato nacional tanto na versão feminina quanto masculina na década anterior até meados dos anos 2000. Muito devido aos bons resultados alcançados pelos selecionados brasileiros e ao bom rendimento de atletas e comissões técnicas formadas por aqui (MARCHI JUNIOR, 2001).

Mais recentemente vem ocorrendo na Superliga Nacional uma tentativa (bem sucedida até o momento) de retomada do grande nível técnico da competição e o retorno dos principais atletas brasileiros. Nas edições mais recentes da Superliga percebeu-se a volta de todos os atletas que compõem os selecionados nacionais e ainda a retomada das exportações de grandes de estrangeiros de destaque no cenário internacional. Tudo isso em meio a uma remodelagem das formas de disputa, tornando os campeonatos mais atraentes e com dimensões espetaculares para o consumo do grande público.

A exemplo do ocorrido com outras escolas⁵ em diferentes momentos do desenvolvimento da modalidade, o cenário atual se caracteriza pela grande influência do voleibol brasileiro mundo afora. Marca a grande expansão do modo de jogar brasileiro e da qualidade técnica apresentada pelos times e atletas formados no país. Fato que chamou a atenção dos principais mercados para o “produto” aqui produzido: sejam profissionais de apoio técnico, sejam de atletas. Muito se fala da grande qualidade do voleibol jogado no Brasil e alguns resultados como medalhas e títulos olímpicos e em outros campeonatos

⁴ Nome dado à principal competição inter-clubes do voleibol brasileiro desde a temporada 1994/1995 substituindo a antiga Liga Nacional. Esta nova denominação foi parte de uma jogada de marketing da Confederação Brasileira de Voleibol que teve como objetivo a reformulação, difusão e massificação do voleibol no Brasil.

⁵ O termo “escola” é utilizado no Voleibol para denominar países ou regiões que apresentam um determinado estilo de jogo como a escola cubana, caracterizada pela potência física, a escola asiática, muito forte no sistema defensivo, e a escola brasileira reconhecida pela grande performance técnica.

mundiais.. Estaria, portanto, o voleibol brasileiro definitivamente no topo mundial e seus atores estariam entre os protagonistas.

Neste contexto de mudanças experimentado pelo esporte profissional nos últimos trinta anos, observamos o surgimento de uma nova possibilidade, para atletas brasileiros, que alia o esporte à escola. Seria a inserção dentro do meio universitário norte-americano dado pela via esportiva. Estaria esta nova possibilidade condicionada a um “talento” ou “dom” esportivo que, de alguma forma chame a atenção do mercado do esporte universitário estadunidense e assegure a chance de atletas brasileiros ingressarem no ensino superior em instituições dos Estados Unidos.

Para estes estudantes/atletas a experiência internacional é vista como uma possibilidade de aliar educação e esporte, o que não parece ser a opção mais viável de acordo com a realidade do esporte de rendimento brasileiro. Isso porque o esporte de rendimento no Brasil está muito mais inserido na realidade dos clubes do que das escolas e instituições de ensino superior.

Ainda na relação escola-esporte, o esporte de rendimento no Brasil, uma vez que se baseia na lógica da matriz clubística, via de regra força os atletas a se dedicarem ao rendimento esportivo em detrimento de outras atividades como os estudos. A escola por sua vez, parece não auxiliar muito no que diz respeito ao desenvolvimento de atletas uma vez que, não sendo função da escola a formação de atletas, a mesma se mostra por vezes alheia a esta possibilidade na vida de jovens estudantes. O que faz com que os mesmos tenham que escolher entre se dedicarem ao futuro esportivo ou à formação escolar/acadêmica.

Esta nova possibilidade de carreira no exterior parece se tornar uma hipótese válida para atletas brasileiros que, tirando proveito de capitais simbólicos relacionados à prática esportiva, vislumbram uma opção de continuidade na carreira esportiva aliada a condições efetivas de estudo e formação acadêmica.

De certo modo as questões tratadas neste capítulo dialogam e se encontram presentes nas entrevistas realizadas com atletas da região metropolitana de Belo Horizonte, que tem em suas trajetórias esportivas, relação com o voleibol universitário norte-americano, bem como com alguns agentes envolvidos com o voleibol profissional e amador no contexto desta

mesma cidade. Tais questões orientaram a realização da pesquisa exploratória e serão tema de discussão nos capítulos seguintes.

Capítulo 2

A construção da pesquisa de campo

O estudo proposto se caracteriza como uma pesquisa exploratória e foi realizado tomando como base uma abordagem qualitativa. Theoderson e Theoderson, citados por Pioversan e Temporini (1995), descrevem o estudo exploratório como

Um estudo preliminar cujo propósito principal é de familiarizar-se com o fenômeno que se pretende investigar, logo, o estudo principal que se seguirá pode ser realizado com melhor entendimento e precisão. O estudo exploratório (que pode utilizar diversas técnicas, normalmente com uma menor amostragem) permite ao investigador definir a problematização de sua pesquisa e formular suas hipóteses mais precisamente. Também permite escolher as técnicas mais adequadas para a pesquisa e decidir entre as questões com maior necessidade de ênfase e investigação detalhada, e isso pode alertar para possíveis dificuldades, fragilidades e áreas de resistência. (PIOVESAN & TEMPORINI, 1995, p. 319, tradução livre)

Este tipo de estudo permitiu uma aproximação com o problema proposto para a pesquisa, por se tratar justamente de um primeiro contato com a temática. Frente a pouca disponibilidade de referências teóricas que auxiliem neste processo, a pesquisa exploratória contribui de forma significativa para um primeiro contato e um possível mapeamento e identificação deste campo de pesquisa, como era suposto que ocorresse.

A importância se deu ao passo que ela valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo, pois não aceita que a realidade seja algo externo ao sujeito (ANDRÉ, 1995 citado por TEIS & TEIS, 2006). Dessa forma, este estudo que tomou como base o depoimento e, conseqüentemente, as interpretações de um grupo de sujeitos acerca de um mesmo tema, priorizou a interpretação qualitativa das informações adquiridas frente aos dados quantitativos. A saber, o que de comum há entre todos os sujeitos entrevistados na pesquisa é o fato de todos eles apresentam alguma experiência vivida ou o contato profissional com os intercâmbios universitários de atletas brasileiras nos EUA.

Tomando como instrumento de coleta de dados o próprio depoimento desses sujeitos, buscou-se a compreensão do fenômeno em questão através das experiências e da visão que o grupo, e cada um dos sujeitos em sua particularidade, têm desta realidade da qual são atores. Me apoio nos argumentos de André (1995) ao afirmar que fatos e valores estão intimamente relacionados, pois foi partindo desse pressuposto que grande parte das experiências confidenciais nos diálogos foi analisada e traduzida como fragmentos da realidade estudada.

A proximidade com a realidade dos sujeitos, bem como o conhecimento prévio de elementos constituintes do fenômeno estudado, chegou em algum momento me causar certo desconforto e até mesmo a questionar uma possível imparcialidade no momento de interpretação e análise dos dados. Porém de acordo com André (1995) em se tratando de abordagem qualitativa, não é possível uma neutralidade em relação à postura do pesquisador uma vez que o objetivo da abordagem qualitativa é a interpretação em lugar da mensuração. (TEIS & TEIS, 2006). Este respaldo teórico me permitiu seguir em frente no processo de identificação e interpretação das fontes consolidou a cientificidade desta pesquisa.

Em suma, trata-se aqui de uma investigação inicial a respeito do fenômeno de migração de atletas/estudantes brasileiras em direção ao voleibol norte americano. Propõe-se uma aproximação inicial com a problemática bem como as primeiras impressões sobre o assunto. Tudo isso baseado no diálogo com estudantes e agenciadores que experimentam alguma relação com o objeto do estudo afim de interpretar, dentro da realidade apresentada pelos sujeitos pesquisados, os elementos que sejam relevantes para o entendimento do problema proposto.

Os procedimentos adotados

Para o desenvolvimento do trabalho de campo e a coleta de dados optei pela entrevista com roteiro semi-estruturado como principal fonte de dados. As entrevistas contaram com questões relativas à história de vida dos entrevistados, com relação ao esporte e à escola, ao processo de transferência para o exterior e impressões pessoais próprias e de familiares a respeito do

desta experiência bem como características das carreiras profissionais e atuais atividades dos agenciadores. Os roteiros utilizados para as entrevistas foram construídos à luz do referencial teórico apresentado e de minhas impressões e indagações pessoais, no intuito de responder a questões levantadas e ainda a identificação de caminhos possíveis para análise mais qualificada do tema. (anexos 1 e 2).

A entrevista como fonte de dados apresenta-se particularmente eficiente no que se refere ao tratamento de questões de caráter pessoal e íntima (LUDKE & ANDRÉ, 1986). Ainda de acordo Ludke e André (1986), há na entrevista uma atmosfera de reciprocidade entre entrevistado e entrevistador. Tal afirmação muito me auxiliou, tendo em vista a relativa proximidade existente entre quem perguntava e quem respondiam nas entrevistas, sendo que as duas partes se encontravam inseridas dentro do universo do voleibol em Belo Horizonte e, até mesmo, certo grau de amizade, eventualmente presente entre as duas partes.

As entrevistas contaram com roteiros muito semelhantes apresentando pequenas diferenças de acordo com o histórico de cada entrevistado, mas o eixo central das perguntas assim como a ordem em que os diferentes assuntos foram abordados se manteve inalterada. Vale mencionar que mesmo seguindo um roteiro similar, cada entrevista se dá de forma única e, como indicam Ludke e André “permite correções, esclarecimentos, e adaptações que a tornam eficaz na obtenção das informações desejadas” (1986, p. 34). A estruturação prévia das entrevistas e a homogeneidade de formas e questões apresentadas aos sujeitos, permitiu uma análise mais direta e comparativa entre os pontos assinalados pelas entrevistadas, afim de uma identificação dos pontos convergentes e divergentes nos entre os diálogos.

Antes de cada entrevista foi enviada uma carta convite a cada um dos sujeitos no intuito de oficializar o convite, assim como de informá-los do tema tratado na entrevista à qual cada um deles seria submetido. (Anexo 3)

As entrevistas se deram de maneira tranqüila porém nem sempre em condições ideais devido à dificuldade de espaço ou até mesmo de tempo para a realização. Ludke e André (1986) afirmam que o processo de entrevista deve antes de qualquer coisa contar com o respeito ao entrevistado e a pontualidade, disponibilidade dos sujeitos deve ser fator de primeira relevância.

Dessa forma, houve certa variedade tanto de espaços quanto de meios através dos quais as entrevistas foram realizadas.

Para a transcrição das entrevistas tomei como base o “Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas” produzido pelo projeto “Garimpando Memórias” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A identidade dos sujeitos da pesquisa foi ocultada objetivando maior confiabilidade no fornecimento de informações que, inevitavelmente, se dariam no campo pessoal e até mesmo autobiográfico. Dessa forma, posteriormente ao momento das transcrições, cópias das mesmas foram enviadas aos entrevistados para autorizarem a utilização dos dados. Também informado o código atribuído e a informação de que cada entrevistado receberia uma cópia da monografia após concluída.

Após este momento foi realizada a análise dos dados obtidos através das entrevistas e das outras fontes, à luz do referencial teórico apresentado no Capítulo 1.

O convite aos sujeitos

Foram convidadas 9 atletas ou ex-atletas de voleibol – em processo de ida para os Estados Unidos, já inseridas ou de volta ao Brasil após um período de estudos – bem como 2 profissionais que trabalham como agenciadores ou empresários de atletas.

Quase todos os convites às atletas foram feitos pessoalmente, a maioria deles sendo realizado em competições de voleibol ocorridas no estado de Minas Gerais, com exceção de uma atleta que me foi indicada por uma amiga. Porém, nesse caso, nunca chegamos a ter contato pessoal, apenas via redes sociais. O fato de eu mesmo competir em algumas desses torneios, facilitou bastante o contato com maior parte das entrevistadas, pois através de contatos em comum chegou ao meu conhecimento quais meninas estariam a caminho dos EUA ou de volta ao Brasil após período fora. Outro convite foi feito de maneira inusitada. Em outra ocasião, avistei em uma academia de ginástica uma moça com uma camisa de treino que parecia de alguma universidade dos EUA. Procurei saber quem era aquela pessoa e se ela realmente jogava vôlei.

Quando fiquei sabendo fui conversar com ela e fiz o convite que foi aceito de imediato.

Já os 2 agentes foram convidados através de pessoas com quem trabalhei e conversei a respeito da minha pesquisa. Obtive contato com os agentes através destes conhecidos em comum e fui prontamente recebido por eles para a realização das entrevistas. No total, as entrevistas foram realizadas com 6 pessoas: 4 atletas ou ex-atletas e 2 agentes/empresários.

O momento das entrevistas

De todas as entrevistas realizadas apenas uma não pode ser feita pessoalmente. Isso porque a estudante já estava nos EUA quando pudemos realizar a entrevistas. Sendo assim o diálogo foi feito através da Internet utilizando o programa *Skype* de vídeo-conferência. As outras entrevistas foram realizadas pessoalmente, utilizando gravação em áudio por meio de dispositivo HP photosmart M437.

Nos momentos anteriores às entrevistas procurei conversar um pouco com os entrevistados para quebrar um pouco o clima de entrevista e tentar aproximar mais de uma conversa informal. Fiz isso principalmente a partir da segunda entrevista por perceber que o roteiro elaborado possibilitava uma atmosfera menos formal que favorecia os relatos.

Um ponto negativo foi a perda de parte da segunda entrevista devido a uma falha no dispositivo de gravação. Esse fato influenciou o momento da análise, tornando essa entrevista um pouco diferente das outras no que diz respeito à interpretação dos dados realizado muito mais através de minhas interpretações e memórias do que objetivamente do discurso registrado.

Pouco foi alterado em termos de sequência das perguntas. Por vezes algumas perguntas foram omitidas devido ao fato de as entrevistadas já terem “respondido” anteriormente em relatos iniciados por outras questões.

As entrevistas se mostraram muito interessantes e o clima que foi criado no decorrer dos relatos foi realmente muito bom. Pude sentir as entrevistadas muito à vontade e muito dispostas a ajudar no trabalho. Foi muito fácil obter as informações almejadas pois me pareceu que as entrevistadas se sentiam muito

bem ao falar de suas histórias e do futuro. Pude notar um clima de euforia em alguns casos e de nostalgia em outros.

A transcrição das entrevistas

A transformação dos textos orais em documento escrito se deu de forma complexa e longa, devido ao grande grau de detalhamento e complexidade da representação gráfica da oralidade

Depois de transcritas as entrevistas, os textos foram encaminhados por email para as entrevistadas analisarem e autorizarem, assim como submeterem alguma modificação ou correção caso julgassem necessário.

Na tentativa da reprodução fidedigna dos depoimentos, foram respeitadas pausa, espaços, intervalos de pensamento entre outros. Através dessas pausas e demonstrações de emoção, podemos identificar sentidos e representações que certos fatos ou opiniões têm para os entrevistados.

Dos 6 sujeitos entrevistados, 3 eram atletas, 1 ex-atleta, 1 empresária de atletas e 1 agente de intercâmbio. Três atletas encontram-se atualmente jogando as ligas universitárias norte-americanas na temporada 2010/2011, uma em uma universidade e outras duas em *Junior Colleges*. A ex-atleta encontra-se de volta ao Brasil, após a conclusão de seus estudos universitários nos EUA, sendo portanto a mais velha no grupo das estudantes que juntas apresentam uma média de idade de 20,5 anos.

O grupo de atletas se apresenta bastante plural no que diz respeito às trajetórias escolares, porém se relacionam quando o assunto é o esporte. Já o grupo dos agentes é formado por dois ex-atletas com trajetórias bem diferentes. Ao passo que uma foi atleta de voleibol mundialmente reconhecida com passagens por seleção brasileira, o outro se desenvolveu na prática do Futsal e, aparentemente, não chegou a se constituir como profissional. Existem ainda diferenças significativas em relação ao trabalho realizado por cada um desses sujeitos após a carreira como atletas.

No próximo capítulo apresento a análise dos dados colhidos através das entrevistas realizadas. Para isso recorrerei às transcrições dos relatos bem como as impressões que tive nos momentos de realização das gravações.

Como já mencionado, a cada sujeito foi atribuído um código de identificação afim de preservar a identidade dos mesmos.

Numerais foram utilizados para as atletas/estudantes: Atleta 1, Atleta 2 e assim sucessivamente...

Letras foram utilizadas para os agentes: Agente A e Agente B.

Capítulo 3

Entrando em quadra: idas e vindas do voleibol brasileiro

Trato neste capítulo da análise das entrevistas. A opção por ouvir o que têm a dizer os sujeitos já foi anteriormente mencionada e agora se dará a interpretação dos depoimentos à luz da produção literária acerca da temática. As falas dos sujeitos acerca de suas experiências e os seus caminhos são particularmente enriquecedoras ao permitir que os mesmos pontuem os mais significativos momentos e fatos de suas vidas pessoais. Também deram uma ordem de relevância aos acontecimentos e ajudaram a entender os motivos de suas escolhas e trajetórias.

Outras questões vieram em seguida a fim de compreender o fenômeno de internacionalização de atletas. As respostas dos entrevistados não ficaram limitadas apenas aos temas propostos para o diálogo, indo além e trazendo diferentes elementos que auxiliam na constituição de uma análise da situação em questão.

O diálogo entre as perguntas e as respostas será o principal elemento de análise dos textos, já que essas perguntas foram elaboradas na perspectiva de um entendimento do problema através da palavra dos sujeitos. Porém é importante ressaltar que a resposta a uma determinada questão pode não objetivamente estar limitada apenas a aquele momento da entrevista podendo também se apresentar no momento de outra resposta como foi observado em diversas ocasiões. Por isso a análise das respostas não ficou restrita à relação com as pergunta imediatamente anteriores a elas.

O aquecimento: trajetórias no esporte e na escola

O questionamento sobre as trajetórias foi assunto inicial das entrevistas realizadas. Este tema se mostrou relevante, pois através dele foi possível fazer uma identificação dos fatores mais importantes e destacados nos relatos. Particularmente ao estudo, este momento é de suma importância

na identificação dos possíveis caminhos anunciados no momento de formação, tanto atlética quanto escolar e acadêmica.

As trajetórias escolares se apresentam bastante diversas dentro do grupo. Porém uma unanimidade nos relatos apresentados foi a participação e o incentivo aos estudos.

[...] mas foi nessa época que minha mãe me deu muita força, ela falava “não, você é forte, você vai conseguir, continue lutando, fazendo o que você tem que fazer. Você foi aí pra você conseguir um diploma e fazer o que eles querem que você faça que é jogar vôlei” (Atleta 2).

Aí no final do ano eu tinha que, vinha meu pai de um lado falando da Federal que eu tinha que fazer, não sei o que, que eu tinha que tentar. Aí eu fiquei sem saber até o final do ano se eu ia ou se eu não ia (Atleta 3).

Para a Atleta 1, o bom desempenho na escola caracterizava-se até mesmo como condicional para continuar praticando esportes, tamanha a cobrança e importância dada pelos pais aos estudos.

[...] então meus pais sempre me cobraram isso, então é isso, eu sempre tive que estudar pra continuar indo bem e pra continuar praticando esportes, por que isto era uma condição, ir bem nos estudos pra continuar a praticar vôlei (Atleta 1).

O apoio dos pais tanto ao esporte quanto à educação pareceu se traduzir também no financiamento das experiências vivenciadas pelas atletas. A contribuição financeira das famílias se mostra como demonstração de apoio e valorização das atividades acadêmicas e esportivas das filhas. A presença deste apoio em dinheiro se mostra como grande possibilitador da vivência internacional, tendo em vista um dispêndio de dinheiro relativamente alto demandado para a continuidade dos estudos no nível superior.

Imagina: eu tentei aqui, eu fiz a prova aqui do vestibular, eu passei na PUC. Pra Fisioterapia. Só a matrícula era mil cento e não sei quanto. Eu não tenho condição pra isso, né? [...] meu pai não tem condição e é muito difícil sabe, pra mim. [...] Eu moro só com meu pai, né? Ele foi... ele é o que me dá mais apoio (Atleta 4)

Já a Atleta 2 a menciona a adaptação financeira como um dos principais desafios e dificuldades na vida fora do Brasil.

Então era assim, foi duro, foi... Eu saí do Brasil com 18 anos, saí nova. Se você for olhar e tive que aprender a me sustentar, a trabalhar. Eu nunca trabalhei aqui no Brasil sempre tive meu pai e minha mãe pra me ajudar. (Atleta 2)

Não diferente de outros momentos de suas trajetórias, o auxílio financeiro dos pais quando da decisão pela continuidade dos estudos nos EUA é fator relevante na fala de duas estudantes:

Então meus pais sempre estiveram ali entendeu? Sempre ali do lado sempre falando “é isso mesmo que você quer? Você tem certeza?” Eu falei – é isso mesmo. Então a gente foi cumprindo cada etapa a cada etapa.(Atleta 1)

E tudo que eu preciso, pai preciso de arrumar não qual documento e tal, e tem que mandar amanhã. Vai lá e me ajuda em tudo assim, até porque tem muita coisa pra pagar também e eu não trabalho e eu iria fazer como? Eu precisava do apoio dele de qualquer jeito.(Atleta 3)

Outro eixo de análise eleito como fundamental à compreensão das trajetórias dessas estudantes é o esporte. A relação com o esporte é, obviamente, recorrente nas falas deste grupo. A prática competitiva do voleibol é um elemento comum a todas essas jovens. De maneira geral, o grupo apresentou grande incentivo dos pais também à prática esportiva. Como trazem os trechos a seguir:

Eu não lembro que ano ao certo, mas teve uma peneirada no Olímpico. Aí anunciaram no rádio e meu pai escutou. aí eu fui fazer o teste e passei e consegui ficar [...].Ele foi, ele é o que me dá mais apoio. Desde antes também do Vôlei, desde eu jogando aqui. Ele é o que sempre ficou no meu pé pra eu poder jogar e tal e não sei o que.(Atleta 4)

Primeiramente, os meus pais com relação ao Vôlei, você já presenciou isso, meus pais sempre foram muito presentes, sempre me apoiaram muito com relação aos esportes. Sempre gostaram muito, iam nos meus jogos, sempre.(Atleta 1)

Você foi aí pra você conseguir um diploma e fazer o que eles querem que você faça que é jogar vôlei. Então mostra pra eles. Você começou

a jogar Vôlei eles não te queriam, você se destacou e foi seleção, fez isso tudo, não desiste agora (Atleta 2)

É notório portanto que o grupo analisado mantém forte vínculo com a prática de esportes dentre os quais se destaca a modalidade do voleibol. Dessa forma, coube nos relatos iniciais espaço para a trajetória dessas estudantes dentro do voleibol competitivo que, em alguns momentos, passou inclusive pelo ambiente escolar.

Tinha que tentar dar um jeito assim, por que o pessoal do Colégio também já sabia que eu jogava porque eu jogava por eles até o ano passado também, então tipo assim, eles sabiam que eles também tinham que me ajudar entendeu (Atleta 3)

Depois quando eu estava, deixa eu ver, no segundo ano, Pra eu poder entrar numa escola por exemplo por que eu fui pro Instituto né? Aí eu ganhei, eu consegui entrar lá graças ao Vôlei. Que eles estavam querendo montar um time no Colégio aí eles abriram uma vaga pra mim. (Atleta 4)

Para uma das entrevistadas, o momento de vôlei na escola pareceu ser bem menos significativo, em termos de comprometimento, do que quando ela veio a se transferir para um clube, ficando dessa maneira uma impressão de que a estrutura esportiva escolar parece ter menos prestígio ou ser menos exigente do que a clubística, no que diz respeito ao desenvolvimento atlético e competitivo.

E aí nesta fase eu tinha doze, treze anos, mas era apenas uma diversão o Vôlei, era apenas escolinha. Eu tava/estava aprendendo para jogar, não tinha competições sérias, não tinha nada disso. Daí eu fiquei treinando nesta escolinha, vamos dizer assim, durante dois anos e foi tanto que eu fui treinar no Yucca, que é o clube de Contagem que foi onde, né? Eu fiquei acho q um ano, um ano e meio [...] que foi quando o técnico começou a me endireitar, a me ensinar realmente as técnicas, é... exatamente como se joga. Porque antes era só uma diversão.(Atleta 1)

Ao passo que as trajetórias apresentam o voleibol como um aspecto em comum e um processo semelhante, no tocante à relação com a escola os caminhos não se mostram exatamente homogêneos.

Olha, é, eu jogo vôlei há seis anos né? No começo, pelo menos nos três primeiros anos... Eu sempre estudei em escola pública. Eu sempre tive a mesma rotina estudava de manhã e treinava à tarde. [...]. Mas assim, eu não vou falar que eu fui muito dedicada no colégio não por que eu não fui e eu sempre dediquei ao máximo ao Vôlei [...] A minha relação sempre foi, tipo, vamos dizer que eu sou aquela normal, vamos dizer assim. [...] então assim, eu tive que me dedicar por que não é atoa que eu ia conseguir, não era de graça que eu ia/iria conseguir boas notas, ir bem na escola .(Atleta 4)

A série, tipo, os anos de colégio assim até o segundo ano deu pra levar normal assim, sabe? Colégio e vôlei porque tanto, o vôlei sempre ocupou muito tempo do meu dia só que o colégio não ocupava tanto que era só o horário de manhã. A partir do segundo ano começou a ter aula à tarde também.[...] Aí eu tinha mais um ano de Infante que coincidiu também com o terceiro ano, ano de Vestibular e tal. Aí foi muito mais difícil de conciliar. (Atleta 3)

Estes trechos de entrevista indicam uma possibilidade mais real de conciliação da vida de atleta com os anos da escola regular, exemplificado a seguir pelo relato acerca de um relativo sucesso escolar por parte da Atleta 3, a respeito de seu último ano na escola:

Aí eu treinava com as meninas mais novas de duas as quatro depois malhava, tinha que correr direto pra prova, fazia a prova e voltar pra casa. Então foi o ano inteiro assim, foi correria. Vôlei e treino o tempo inteiro. Isso quando não tinha jogo junto e tal, uma confusão. Só que tanto deu pra conciliar que eu tentei a Federal também, por exemplo, no final do ano, passei [...] Eu passei pra Direito. [riso] Aí só que passei pra Agosto né? Passei pro segundo semestre. Aí, mas foi uma correria, tipo, com Vôlei junto e no Vôlei também deu tudo certo por que a gente conseguiu assim, um ano ótimo. Fomos campeãs em tudo que a gente participou, foi muito bom esse ano. (Atleta 3)

Embora seja real a possibilidade de conciliação entre estudos e esporte de competição até os anos do Ensino Fundamental, este relato não ilustra a realidade no que se refere à educação superior. A preocupação, após o Ensino Médio com a vida profissional, seja no vôlei ou fora dos esportes, aumenta consideravelmente. Ao que parece, não há possibilidades tão concretas da continuidade dos estudos após o Ensino Médio, ao mesmo tempo em que ocorre uma progressão da carreira de atleta.

Além disso, a dificuldade dessa combinação se mostra preocupante. Disso depende o futuro profissional dessas estudantes/atletas que, muito incerto no voleibol, não apresenta, de imediato, outra possibilidade real.

Bom, eu sempre gostei de vôlei, certo? Mas eu sei exatamente quais são os meus limites. Eu sei exatamente até onde eu posso ir e a minha altura,... eu tenho o que? Eu tenho 1,78 no máximo.[...], eu sei até onde eu posso ir, eu sei que eu não vou conseguir uma seleção mineira, que eu não vou conseguir uma seleção brasileira.(Atleta 1)

A dificuldade de conciliar vôlei e estudos é enfatizada pela Atleta 3 ao dizer que "...aqui é muito difícil de você conseguir conciliar o dois, né? Vôlei e estudo, esporte e estudo é quase impossível. Tem que escolher um dos dois".

Quando se fala da continuidade da carreira como atleta no Brasil, a caracterização física ganha evidência. Em frases como "aí e como eu não tenho muita altura pra jogar vôlei aqui" (Atleta 3) e também "pra jogar vôlei no Brasil eu sou baixa eu tenho limitações..." (Atleta 1) a relação com as características biométricas se mostram como fator determinante para o sucesso ou insucesso das atletas nesta modalidade esportiva.

A estatura das atletas parece se delinear como um divisor de águas para estas meninas no momento em que se viram frente à decisão entre continuar jogando voleibol no Brasil, a caminho de uma possível profissionalização, ou seguir rumo a outras possibilidades que envolvam estudos acadêmicos.

A possibilidade de jogar em São Paulo também foi considerada pela Atleta 4. Porém a incerteza quanto ao futuro e à continuidade dos estudos aliada ao voleibol desencorajaram a estudante:

Porque, por exemplo, eu não tinha muito ânimo de ir jogar em São Paulo, o que é o normal que a maioria das pessoas que terminam aqui, os anos aqui né? Vão pra São Paulo, pra outro time lá. mas sei lá, eu não sabia se valia muito à pena, sabe? Por mais que eu goste muito de Vôlei, ir pra lá pra ganhar Um Salário, ficar em alojamento, eu não sabia se eu iria poder estudar ou não. E querendo ou não o Vôlei é muito incerto, então você tem que ter alguma coisa garantida por fora, porque se você machucar acabou, né?

A análise das trajetórias esportivas e escolares deste grupo revela-se bastante diversificada e plural. Este conjunto de garotas se mostrou heterogêneo em suas relações com escola porém, se aglutina dentro da realidade do voleibol de base da região metropolitana de Belo Horizonte. Este fato as submete a semelhantes regras e práticas que, de certa forma, norteiam momentos e escolhas em suas vidas.

Estes relatos elucidam estas práticas, momentos e possibilidades dentro desse meio no qual estas garotas estão ou se encontraram inseridas em algum momento. Dentre diversas possibilidades, umas aparentemente mais reais que outras, o grupo se mostrou inclinado para um mesmo caminho, o da continuidade da carreira atlética juntamente com uma carreira acadêmica nos EUA.

Passando a bola: Importação de atletas

No cenário mundial não restam dúvidas de que o voleibol praticado no Brasil figura entre os melhores do mundo. Posição muito influenciada pelos resultados expressivos no cenário internacional alcançados nas últimas três décadas pelos selecionados nacionais nas diversas categorias em que as competições da modalidade são divididas. A Atleta 2 é enfática ao falar dos motivos de seu relativo sucesso no voleibol universitário:

...eles gostam muito do voleibol brasileiro por que a seleção brasileira mostra pro mundo inteiro que nós temos o melhor voleibol, do mundo! Então foi isso, foram todas estas coisas que me ajudaram porque lá eles procuram demais brasileira pra poder jogar e as meninas do meu time, dos dois times que eu joguei lá, elas perguntavam “este time tem brasileira?”

O sucesso do voleibol brasileiro não se dá gratuitamente. Concomitante aos bons desempenhos das equipes brasileiras existe um grande trabalho de formação de atletas dentro do território nacional. Há, porém, certa concentração de pólos formadores de atletas, visto a maior popularidade da modalidade em algumas regiões do que em outras.

O estado de Minas Gerais representa um desses pólos de formação de atletas de voleibol. Assim como no cenário internacional, o perfil de atletas

formados em determinadas regiões acaba por ser semelhante de acordo com a forma de trabalho. No âmbito nacional também se estabelece esta relação. O termo “escola mineira” aparece na fala do Agente A ao falar das características de jogo das atletas formadas em MG reconhecido até pelos treinadores norte-americanos.

Este prestígio encontra ressonância na fala das entrevistadas. A observação dos relatos nas entrevistas permite uma idéia sobre a forma como é realizado este trabalho de base assim como a identificação de sua lógica e particularidades. O trabalho iniciado de maneira precoce se apresenta como grande diferencial das estudantes brasileiras em relação às dos EUA.

Aí eu jogo lá desde o pré-mirim. Aí tem Pré-Mirim, Mirim, Infantil, três anos de Infante porque congelaram na época que era pra eu sair e fechou lá né? [...] Bagagem, eu acho que eu posso considerar muita coisa, eu acho que foram muitos anos jogando no mesmo time, sabe? (Atleta 4)

...mas eu acredito que o que a gente tem aqui, os campeonatos que a gente já jogou aqui e tudo eu acho que pode ajudar sim [...]. Do nível que é, que foram os nossos campeonatos aqui. Porque, é uma coisa assim, eu to jogando desde o pré-mirim então, você jogar pré-mirim, mirim e tal e ir evoluindo nos campeonatos sempre com as mesmas pessoas, você vê os seus adversários também crescendo sabe. Pegando seleção, isso, aquilo (Atleta 3).

A qualidade do voleibol brasileiro chama a atenção já há um bom tempo. Seja no nível adulto profissional, seja no âmbito das categorias de base formadoras de atletas. Ocasionalmente, não raramente, um fluxo grande de atletas brasileiros transferidos e inseridos em ligas e campeonatos além das fronteiras nacionais.

Muitas vezes a opção por ir para fora do país vem da perspectiva de conseguir uma melhor colocação no exterior do que aquela que poderia ser alcançada no Brasil. As ligas profissionais no Brasil não têm capacidade de absorver todo o contingente de novos atletas que saem todos os anos dos times juvenis. Além disso, não há espaço também para todos os atletas já profissionalizados. A ida para fora, principalmente para ligas européias, se apresenta como uma alternativa não raramente acionada.

O voleibol universitário dos EUA se apresenta também como uma possibilidade para atletas brasileiros recém saídos das categorias de base no

Brasil. Diferentemente da estrutura brasileira, onde os campeonatos profissionais adultos roubam a cena como o ápice do desenvolvimento do esporte no âmbito nacional, os americanos vêm na figura dos *Colleges* e Universidades o grande ambiente de espetáculo e excelência esportiva. De acordo com a treinadora brasileira que trabalha no voleibol dos EUA “os torneios universitários de lá tem transmissão ao vivo pela televisão e um retorno de mídia muito forte”.⁶

Em contrapartida, ao fim dos anos de universidade os atletas oriundos das ligas universitárias não têm um campeonato profissional onde possam se inserir nos EUA, criando assim um êxodo de parte desses atletas rumo às ligas profissionais fora dos EUA. Atletas que alcançam um nível técnico compatível ao de equipes profissionais ao redor do mundo vão em busca destes mercados para dar continuidade às suas carreiras como jogadoras de Voleibol

Nos relatos das estudantes, uma figura importante no processo de ida para os EUA ganha destaque: o procurador. Parece se tratar na verdade de agenciadores que trabalham neste processo de transferência de atletas para os Estados Unidos.

Aí eu fui atrás de um procurador, no final do ano. Na verdade ele veio atrás da gente porque ele sabia que algumas meninas estavam saindo fora do Olimpico aí ele foi procurando saber se tinha alguém interessado em ir pra fora aí eu comecei a conversar com ele (Atleta 4).

...que é o dono da [palavra inaudível] que é a agência que recruta meninas de Voleibol e de Futebol, ele foi no nosso treino e se interessou por algumas meninas.[...] Quem se interessasse era pra entrar em contato com ele que a gente ia/iria começar o processo (Atleta 1)

Para os atletas, parece que a figura do procurador é elemento fundamental para o sucesso na tentativa de conseguir uma bolsa de estudos no exterior. Como sinaliza a Atleta 3, a mediação do procurador é indispensável no contato entre a atleta e as faculdades no fora do país.

⁶ Lígia Zobolli. Treinadora de uma universidade nos EUA em entrevista ao site Melhor do Vôlei.

Aí no ano passado que eu, ela foi e me pressionou, tipo, você vai ou você não vai? Aí, nisso já tinha o procurador porque tem que ter um procurador intermediando o processo entre a pessoa dos EUA e você [...]. Aí antes de fazer a segunda etapa eu assinei o contrato com o procurador por que aí não tinha mais como o meu pai falar “não, se você passar você fica” (Atleta 3).

Todo o trabalho dos agenciadores e procuradores existe aparentemente para atender à demanda dos *Colleges* e Universidades nos EUA que optam por importarem atletas para reforçar seus times. Parece haver um consenso por lá de que atletas brasileiras são bem preparadas e de boa qualidade técnica tanto entre treinadores quanto entre atletas. A Atleta 2, que se encontra de volta ao Brasil após atuar nas ligas universitárias norte-americanas, ilustra o pensamento das norte-americanas em relação ao voleibol brasileiro ao reproduzir a fala de suas ex-companheiras de time nos EUA: “se tiver brasileira nós vamos ter que treinar forte, por que senão nós vamos perder. Na cabeça delas todo time que tinha brasileira já era campeão”.

Ainda neste sentido, a Atleta 4, ao falar da comissão técnica do time para a qual foi convidada a se transferir, reforça esta idéia da procura por atletas brasileiros e ainda mostra que o mercado também se mostra aberto para profissionais brasileiros da área do esporte.

E como ela é brasileira o auxiliar é brasileiro eles queriam muito levar brasileiras pra lá então a primeira coisa que eles fizeram quando acabou o campeonato ano passado que eles ganharam foi procurar jogadores brasileiros pra poder levar (Atleta 4)

Já a Atleta 3 fala da satisfação do treinador da equipe à qual ela se integrará em breve ao confirmar a chegada de brasileiras ao o time dirigido por ele. Segundo ela, características menos relacionadas com desenvolvimento técnico e tático e muito mais voltadas para o comportamento e atitude em quadra seriam motivo para que o técnico de sua futura universidade a convidasse.

Tipo, depois que eu fechei e tal com a faculdade, o técnico, você passa a manter um contato com o técnico. Direto tem que ficar mandando e-mail, ele liga às vezes aí ele fala, se tem uma coisa que ele sempre falava no e-mail é que ele tava empolgado de eu estar indo pra lá porque ele gosta muito da energia das brasileiras. Ele ficava falando que lá tipo, sei lá. Essa coisa de brasileiro assim de

ser alegre e tal e você marca o ponto e vibra e não sei o que aí eles tipo, parece que o povo lá não é tão assim.

Ainda em relação aos treinadores, os próximos trechos mostram que realmente há uma grande cobiça. Esta cobiça parece se justificar pela qualidade do voleibol apresentado pelas brasileiras e o prestígio das atletas formadas no Brasil.

Quatro desses treinos foram, é... Técnicos dos EUA apareceram nos treinos pra verem. No primeiro treino eles fizeram uma filmagem nossa individual que era a filmagem que iria pra internet que é um lugar, eles colocaram no *Youtube* mesmo, mas era o lugar que eles iriam ter acesso aos nossos vídeos, os técnicos dos EUA teriam acesso a esses vídeos (Atleta 1)

...aí tipo tinha um vídeo meu jogando, no Youtube. Meu, um da Débora, um da Lina, tem uns vídeos nossos jogando. Aí um time de lá viu, a treinadora de lá viu este vídeo e entrou em contato com a gente. Aí ela foi e me adicionou no MSN, pediu meu telefone e começou a conversar comigo, falando que queria, que tava muito interessada (Atleta 4).

O voleibol se torna neste caso, o elemento que proporciona a atletas a possibilidade de uma experiência de estudos no exterior. As habilidades atléticas são tidas como capitais e chamam a atenção de profissionais que trabalham com esporte competitivo universitário. O que permite que estes atletas tenham a chance de uma experiência de formação acadêmica no exterior, com direito a bolsa de estudos e grande investimento financeiro recebido dos *Colleges* ou universidades.

Em troca do investimento, as estudantes/atletas têm que cumprir certas obrigações para com as instituições nas quais elas estudam. A maior parte dessas exigências se dá no âmbito do desempenho nos estudos. Até mesmo por uma de exigência das próprias Ligas.

E aí, como nós temos, como atletas que estudam, você precisa manter nota pra continuar no time, tem que manter uma média pra continuar no time. Então você não pode apenas querer dedicar ao vôlei, você tem que se dedicar aos estudos, porque se você não se dedicar você fica fora de jogo, você fica fora do time [...] Meu objetivo inicial assim é conseguir chegar lá e manter notas boas assim porque isso é obrigatório, vamos dizer assim, também pra ter, é poder jogar. Se você está com nota muito baixa na faculdade eles te

proíbem de jogar, tem que ficar estudando pra recuperar suas notas pra depois você poder voltar pro time. Senão você fica fora. E disso depende a minha bolsa também. (Atleta 3)

Além do capital esportivo, essas estudantes necessitam também de um investimento financeiro para que se torne possível a realização do intercambio. Grande parte deste investimento é direcionado para o custeio das despesas com as agências responsáveis pelo programa de intercambio.

...aí entrou nesse esquema eu mais algumas das meninas e, mas só que tipo assim, para o procurador a gente tinha que pagar cinco mil reais pra ele poder arrumar o time pra gente lá fora, isso tirando os gastos que a gente ia ter aqui com visto, passaporte que isso aí era por nossa conta né? (Atleta 4)

Mas daí eu não sabia que o processo ia ser tão longo igual foi, mas no dia algumas meninas se interessaram, mas você precisava gastar... *dinheiro* e a maioria não ia ter este dinheiro, mas mesmo assim algumas pessoas se interessaram, então começou o processo (Atleta 1).

E tudo que eu preciso - pai preciso de arrumar não qual documento e tal, e tem que mandar amanhã. Vai lá e me ajuda em tudo assim, até porque tem muita coisa pra pagar também e eu não trabalho e eu iria fazer como? Eu precisava do apoio dele de qualquer jeito (Atleta 3).

Além dos compromissos financeiros com para com as agências, parte do investimento é destinada ao cumprimento de exigências burocráticas com documentações e comprovantes.

Em relação às instituições de ensino de destino dessas estudantes, a avaliação de conhecimento é fator determinante do tipo e da qualidade da instituição para a qual cada uma delas se dirige. As escolas exigem determinado *score* em cada uma das provas como requisitos básicos para a que as estudantes possam ser aprovadas. A mais importante parece ser a prova de conhecimentos em língua Inglesa que também é determinante para a aprovação nas universidades principalmente.

Durante esse tempo eu fiz provas que eram importantes pra vim/vir pra cá uma delas é o SAT que é uma prova que consiste em Matemática e Inglês que você precisa de uma pontuação de pelo menos 70% e depois você tem que fazer o TOEFL que é uma outra prova [palavra inaudível] que você também precisa de 70% pra vim/vir. Então provas que você precisa de estudo, que você precisa

de atenção, que você precisa de um nível certo de Inglês porque elas são difíceis (Atleta 1).

Aí pra você ir pra faculdade direto, você tem que fazer duas provas. Uma é o TOEFL, aí tem a pontuação que você tem que tirar pra você conseguir ir pra faculdade. A pontuação é exigida pela faculdade e depende da faculdade que você vai também. E tem o SAT ou ACT que são duas possibilidades de provas e isso não é a faculdade que exige, é a Liga. Tipo assim tem a Liga lá que chama LCAA, aí tem a divisão 1, a divisão 2. Aí elas exigem uma pontuação em uma dessas provas, você tem que fazer (Atleta 3).

Desses testes de conhecimento depende o futuro das atletas/estudantes nos EUA. Dependendo do nível de Inglês apresentado, há a possibilidade de elas estudarem, a princípio, em um *Junior College* ou irem direto para uma universidade.

É um *Junior College*, não é uma universidade ainda. Porque meu Inglês não é muito forte né? Eu não tenho um Inglês maravilhoso. Eu tenho o básico e eu ainda estou fazendo curso, mas só que pra você ir pra uma universidade direto você teria que fazer duas provas que é o TOEFL e o SAT, que até a Lina fez e tal pra você poder ingressar direto pra uma universidade (Atleta 4)

Você tem que pagar pelas provas, e é tudo assim, pela Internet, tem que ficar usando cartão Internacional direto. Aí, marquei as duas provas, uma para Março e outra para Abril. Aí fiz as duas, graças a Deus passei. Aí confirmou que eu iria pra Faculdade. Se eu não tivesse passado, aí eu iria ter que ir pro Junior College, entendeu? (Atleta 3)

Dessa forma, o bom desempenho nas provas assegura certa vantagem para as candidatas, pois aumenta as possibilidades de convites, uma vez que amplia as possibilidades de convite também para as universidades. Na fala da Atleta 1 se observa esta possibilidade.

Daí eu recebi uma proposta pra ir para South Carolina que era um *college* que eu ficaria 4 anos, e foi tudo uma. É o técnico que foi lá me chamou, muito simpático e deixou tudo pronto, mas logo, acho que um mês depois, um outro técnico de Louisiana apareceu lá e me ofereceu pra eu vir pra cá pro Texas e só que ele me ofereceu pra ir pra um "college" porque ele não tinha bolsa para o ano que ele precisava de mim (Atleta 1).

As estudantes/atletas nos mostram que este fenômeno é real e vem crescendo como uma nova possibilidade para atletas brasileiros. Este fenômeno relativamente recente no voleibol brasileiro, vem ganhando espaço e

se mostra definitivamente como uma alternativa para a vida de atletas de voleibol no Brasil.

[...] eles oferecem essa oportunidade pra vários atletas aqui, tanto que tem muita gente aqui indo. É, tem bastante gente aqui indo. E isso tá crescendo cada vez mais. Quando eu era mais nova eu quase nunca tinha notícia de gente que foi para o exterior jogar, sabe? Agora assim, a maioria das pessoas da minha geração no vôlei, eu conheço muita gente que está indo. Muita gente mesmo e menina boa que às vezes já jogou na Superliga, entendeu? (Atleta 4)

Diferentes fatores parecem motivar estes atletas, dentre eles a dificuldade de se tornarem atletas profissionais no Brasil, a difícil conciliação dos estudos e esporte de rendimento entre outros. Parece que exatamente este tipo de estudante/atleta que é o foco dos agentes e treinadores norte-americanos.

Atletas que normalmente se mostram com inclinação para o investimento nos intercâmbios são aquelas atletas que não apresentam um nível excepcional de voleibol mas queriam, de alguma forma, continuar competindo. Entretanto, não tinham pretensão de se tornar profissionais e estavam interessadas na formação acadêmica/profissional fora do país. Como bem menciona Ligia Zoboli ao dizer ao site MDV que “a jogadora que não pensa em se tornar uma profissional aqui no Brasil pode ir pra lá e ganhar bolsa integral em qualquer curso. Mas é muito importante o domínio do Inglês”

Mas o problema é que igual, tem essa, é, essa incerteza do vôlei daqui que você tem que parar de estudar e tal, aí muita gente prefere não arriscar. Eu conheço uma inclusive que já jogou Superliga esse ano agora, mas optou por ir pra lá porque não tava dando tempo de estudar nem nada e ela tava meio com medo assim, de “ah de repente acaba o vôlei e eu não tenho nada na vida”. Tipo isso, entendeu? (Atleta 4)

Dessa maneira, o perfil das atletas que investem na inserção nas ligas universitárias americanas se constrói com base em desenvolvimento atlético paralelo a uma orientação escolar. E muito se relaciona com o apoio e investimento familiar tanto no âmbito esportivo quanto no que se refere ao esporte,

A busca por um novo mercado parece ser o grande motivador de todo esse processo, porém os objetivos e perspectivas são absolutamente particulares a cada uma dessas jovens. De alguma forma, uma visão geral dos pontos de aproximação e distanciamento das idéias dessas meninas pode ser observada nos relatos. É dessas particularidades que trato a seguir.

O levantamento: objetivos e expectativas

Um importante ponto para a compreensão do problema apresentado pelo trabalho foi o questionamento das estudantes sobre os objetivos e perspectivas das mesmas quanto à experiência de intercâmbio. Muito pude avaliar sobre o perfil das atletas/estudantes e a dinâmica do processo como um todo, após analisar as respostas às questões relativas a estes objetivos almejados.

Desta maneira, achei interessante analisar o relatos de cada uma separadamente e, eventualmente, identificar pontos convergentes e divergentes, pois as respostas a estas questões se mostraram bastante diversas podendo, inclusive, ser comentadas antes mesmo de qualquer questionamento acerca de objetivos como a Atleta 1, que assim afirma:

Mas eu nunca tive sonho de jogar vôlei pro resto da minha vida, mas quando eu vi uma oportunidade que eu poderia estudar fora usando o vôlei que é uma coisa que eu faço desde nova que eu sei pelo menos um pouco [...] O que eu to querendo mais aqui são os meus estudos. O que eu to mais absorvendo aqui são os estudos.

Vemos, portanto, uma maior inclinação aos estudos do que à carreira como atleta. Anterior ao surgimento da possibilidade de se transferir para o voleibol universitário, uma vontade de conhecer países estrangeiros já se mostrara como um grande motivador para uma experiência de intercâmbio.. Esta vontade se relaciona com o conhecimento e aprimoramento do idioma Inglês como mostra o trecho abaixo do relato da Atleta 1.

E eu sempre tive essa relação com o Inglês que é uma língua que eu gosto e eu já falava que eu queria fazer um intercâmbio, eu sempre quis ter isso. Não sabia quando, não sabia pra onde, não tinha os EUA como o país que eu mais queria ir, queria ir pra um país que

falava Inglês, era isso que eu queria. Mas nunca foi minha primeira, nunca foi isso que eu quis assim exatamente, *EUA*, não era isso.

A possibilidade de um curso superior nos EUA parece chamar muito a atenção desta estudante a ponto de aparentemente aumentar de forma significativa seu interesse por este país. Os EUA se tornaram portanto o destino de preferência para uma experiência internacional. Neste sentido, o enriquecimento do currículo ganha destaque na fala desta estudante.

Eu, sempre fui apaixonada com o Inglês sempre tive vontade de ir para os Estados Unidos então quando eu vi meu olho até brilhou, porque eu vi ali uma oportunidade de vim/vir conhecer o país [...] por que eu sei o que é estudar numa universidade nos EUA. Eu sei o que que é você ter no seu currículo que você morou quatro anos fora... (Atleta 1).

Outra estudante, a Atleta 4 também aponta os estudos como principal objetivo nos EUA. Seu relato nos mostra que, mesmo muito envolvida e dedicada ao voleibol, não visualiza o mesmo como finalidade.

Olha, na verdade eu quero muito estudar, bastante lá porque eu sei que isso vai ser importante quando eu voltar pra cá. Porque eu não sei, por exemplo eu quero jogar lá também. Eu sou viciada e eu quero ganhar, eu estou indo por que eu quero ganhar os campeonatos, eu quero que seja tudo maravilhoso. Mas a minha intenção maior mesmo é estudar.

Como pontos positivos da experiência, ela destaca a melhoria do currículo e o desenvolvimento das habilidades de comunicação em Inglês.

E eu penso também, uma coisa que eu pensei muito que é de currículo sabe? [...]. Mas se eu for pra lá e ficar lá um ano meu currículo vai voltar pra cá maravilhoso, eu vou estar falando um Inglês fluente, eu já vou ter feito um ano de faculdade eu acho que, vai ajudar muito a futuro [...] É uma das coisas mais positivas que vai ter lá pra mim é eu voltando pra cá com um currículo maravilhoso (Atleta 4).

Assim como existe uma relação instrumental com o Voleibol, quando o capital esportivo é utilizado para alcançar objetivos acadêmicos, chamo a

atenção para um trecho da fala da Atleta 3 ao apresentar a relação instrumental com os estudos em detrimento em função do Voleibol.

Meu objetivo inicial assim é conseguir chegar lá e manter notas boas assim porque isso é obrigatório, vamos dizer assim, também pra ter, é poder jogar. Se você está com nota muito baixa na faculdade eles te proíbem de jogar, tem que ficar estudando pra recuperar suas notas pra depois você poder voltar pro time. Senão você fica fora. E disso depende a minha bolsa também (Atleta 3).

Na perspectiva de continuar apta a jogar pela liga universitária e também da manutenção da bolsa, o objetivo desta estudante parece estar menos inclinada para a dedicação aos estudos.

Esta estudante não vê nos estudos a única possibilidade nesta nova empreitada. Para ela a continuidade da carreira de atleta ainda é uma possibilidade.

Vai que surge uma oportunidade dessas também e tem oportunidade também que eles falam que surge muito de chamar pra jogar na Europa. Você ganha né? Não estuda de novo, é só pra jogar mesmo. Mas você ganha um bom dinheiro, tipo, não sei (Atleta 3).

Em relação aos planos para o futuro, não existe uma definição certa do que seguir. Diferentes possibilidades se apresentam para esta jovem e não notei nas falas uma definição de qual direção seguir.

[...] Agora, no futuro assim, eu quero só conseguir formar lá, nesses quatro anos. É... Quando acabar o curso eu vou... Juro que eu não sei o que eu vou fazer ainda. [...] Se eu fizer o curso lá e gostar muito e às vezes por exemplo, essa assistente que me chamou ela formou lá e conseguiu mestrado lá de graça. Aí ela acabou que fez o mestrado lá e agora que voltou pra cá.

A experiência de vida e o crescimento pessoal foram destacados como ponto positivo na experiência do intercâmbio. A expectativa de vivenciar um momento único de suas vidas deixa as estudantes até mesmo eufóricas ao falar do intercâmbio..

Eu acho que assim, primeiro, a experiência de vida que você ganha assim não tem como. Porque você ficar longe assim de família, longe do seu pai, longe da sua mãe ter que se virar sozinha tudo isso assim, você cresce pra caramba.[...] E as coisas que você vive lá é assim, coisa de outro mundo sabe. Tipo o lugar, as viagens. Tudo é tipo, perfeito. Você não consegue imaginar uma coisa que você iria assim, passar aqui tipo, isso tudo com eles bancando (Atleta 4).

A Atleta 4 Também enxerga a experiência de uma forma muito positiva e se mostra muito esperançosa de viver grandes momentos no exterior.

Segundo é conhecer outros lugares porque é muito bom né véi? Você chegar em um lugar que você não conhece e visitar tudo. Eu quero poder aproveitar tudo que eu tiver direito lá, entendeu? Tipo, sair, ver como é que é, conhecer outras cidades [...]. Sei lá, eu acho que vai ser bom, eu acho que tudo, a experiência lá não tem como ser ruim (Atleta 4).

Em contrapartida uma opinião diferente das anteriores é colocada pela Atleta 2 que, de volta ao Brasil, após conseguir se formar nos Estados Unidos, chama atenção para grandes dificuldades vividas em seus anos no ensino superior norte-americano. Ao contrário das aspirantes ao intercambio, as palavras desta mostram uma dificuldade muito grande de estudar para concluir os estudos nos EUA

Em termos de estudos eu acho que foi muita superação porque eu pensei que eu não fosse conseguir estudar, me formar. tanto que no dia da minha formatura eu chorei horrores porque foi assim, uma emoção tão grande que passou um filme na minha cabeça. por que a vida que eu tinha lá era acordar cinco e meia da manhã, ir pro treinamento de 5:30 às 7:00 e de 8:00 até duas três horas da tarde eu tinha aula depois eu ia pro serviço às vezes a gente tinha treino à noite então chegava em casa onze e meia, meia noite (Atleta 2).

Além da rotina de estudos, a Atleta 2 também chama a atenção para a vida em país estrangeiro e a relação com os norte-americanos:

Então pra mim sair do Brasil aos 18 anos ir pra um país completamente diferente com uma cultura completamente diferente e não saber se eu iria ser aceita lá e tem muitas pessoas lá que são preconceituosas. Tinha muita menina que ficava com inveja do fato de eu ser brasileira e ser... Era fácil pra mim fazer amizade, se destacar num grupo e ser engraçada, então tinha aquela coisa de

inveja [...] Então era assim, foi duro, foi... Eu saí do Brasil com 18 anos, saí nova se você for olhar e tive que aprender a me sustentar, a trabalhar, eu nunca trabalhei aqui no Brasil sempre tive meu pai e minha mãe pra me ajudar, Então pra mim foi muito difícil isso. Saudade era muito grande uma vez por ano você vir pra sua casa você ter aquele carinho de pai e mãe, então foi assim foi muito difícil. Pra mim, hoje, foi uma etapa da minha vida que eu superei (Atleta 2).

O exemplo da estudante mencionada anteriormente, a Atleta 1, finaliza avaliando a sua experiência até o momento sem muitos destaques que justifiquem tão grande euforia por parte das estudantes que ainda não saíram do Brasil.

Então assim, a experiência esta sendo única. Não digo que está sendo ótima por enquanto, mas ta/está sendo boa. Está sendo única porque uma coisa dessa eu nunca vou viver igual. Então eu procuro aproveitar tudo que tá acontecendo aqui. Tudo. Pra eu não me arrepender de nada (Atleta 1).

Pelo que pude observar nos diferentes pontos dos relatos, as expectativas são muito positivas quando as atletas/estudantes se deparam com a possibilidade de se inserirem nas ligas universitárias norte-americanas.

Podemos notar a diferença de posicionamento entre cada grupo de estudantes. As “calouras” do processo quase não apontam barreiras e possíveis momentos ruins. A estudante que está nos EUA já traz diversas dificuldades e barreiras que vem tendo que superar e não cita uma visão muito romântica do processo. Já a ex-atleta graduada tem o momento de estudos nos EUA como “uma fase já superada” e de grande dificuldade.

Uma unanimidade entre todas parece ser que o intercâmbio é importante e enriquecedor para elas. Sejam os momentos bons ou ruins todos parecem ter sua parcela de importância no crescimento pessoal. As dificuldades parecem inclusive fazer parte do processo de crescimento e ser um fator valorizador da situação experimentada.

Decisão do Rally: Os agentes

Outro ponto de vista acerca da problemática da internacionalização dos estudos e dos intercâmbios esportivos fica por parte dos agenciadores.

Entrevistei dois sujeitos que, de acordo com as características dos trabalhos realizados, julguei guardarem algum tipo de relação com os intercâmbios no esporte.

Para um dos entrevistados, não existia uma ligação direta com o universo dos intercâmbios como acabei por descobrir só no momento da entrevista. De qualquer forma decidi realizar a entrevista tendo em vista alguma contribuição pelo menos em relação ao universo do voleibol já que este seria sem dúvida um ponto de problematização neste trabalho. Surpreendentemente, encontrei respostas que muito dizem sobre o voleibol brasileiro e também a respeito desta nova possibilidade que as atletas entrevistadas vêm experimentando nos EUA.

O pontapé inicial das entrevistas com os agentes foi também através de um questionamento sobre as suas trajetórias profissionais, que se mostraram absolutamente diversas uma da outra.

A Agente B teve sua trajetória toda baseada no universo do voleibol competitivo como atleta,

E aí eu resolvi fazer este teste no Minas e comecei a me enquadrar dentro do Voleibol, ta? Aos 15 anos de idade eu tive a minha primeira convocação na Seleção Infante Brasileira e daí pra frente eu já participava dos jogos do adulto do Minas. Já com 15 anos eu já fazia parte da equipe principal do Minas e, e aí eu ingressei mesmo, me firmei na carreira como profissional, ta? No Voleibol. [...] Então eu encerrei minha carreira com 31 para 32 anos...

Já o Agente A revela uma carreira iniciada em outra modalidade esportiva..

A minha historia com o voleibol ela é até um pouco engraçada porque na verdade eu nunca joguei voleibol. Eu fui atleta de futsal. Eu costumo dizer que eu caí no voleibol de para-quedas. Antes de ter minha empresa de esportes eu tinha uma empresa de eventos.

O caminho do Agente A até o voleibol passou antes por um trabalho como empresário na área de eventos. Mas a relação com o universo do esporte competitivo também se fez presente em sua trajetória. Passando de empresário na área de eventos para gerente esportivo, o Agente A se inseriu no voleibol sempre na posição de gestor esportivo. Primeiro no trabalho de

chefe de delegação, posteriormente de supervisor esportivo chegando até a diretoria esportiva.

...”Você gosta, você tá aí no clube mesmo” aquela coisa toda e eu assumi dividindo funções. Entre supervisor, que nem era supervisor na época era chefe do departamento de vôlei. E eu era supervisor administrativo do Sparta. Só que a coisa foi crescendo muito e em 1993 o presidente então me convidou pra eu assumir o departamento, né? Na troca de presidências lá o novo presidente me pediu que eu assumisse o voleibol por inteiro porque já não dava mais pra dividir a função.

Dessa maneira, a inserção no voleibol competitivo aconteceu na carreira deste agente. Inclusive chegando a trabalhar com equipes de alto rendimento e o selecionado mineiro Juvenil contando com atletas de renome no cenário internacional.

Eu trabalhei na época mais propícia da Seleção. Época de Sheila, de Sassá, época de Érika, de Fabiana. Então assim, nós fizemos um trabalho na seleção mineira de 94 a 2004 em 23 disputas nós fomos ao pódio 21 vezes.

O Agente A iniciou o processo de agenciamento para auxílio às atletas dos grupos com os quais ele vinha trabalhando no clube e na seleção mineira. Segundo ele o intercambio surgiu da necessidade de ampliar as possibilidades para as atletas, pela “dificuldade enorme das atletas em se colocar como profissional aqui no Brasil” (Agente A).

Já com uma perspectiva diferente, a Agente B iniciou a carreira como empresária de atletas logo após o término da carreira. Mas como ela mesma menciona, o verdadeiro objetivo na época era outro. A oportunidade de trabalhar como empresária veio em um momento em que a vontade da ex-atleta era de ser treinadora de voleibol.

Eu recebi o convite através do meu empresário na época, italiano e a minha cabeça na época tava assim - não! Eu vou ser técnica de voleibol – que era o que eu amava mesmo fazer. então eu voltei pro Brasil pensando em ser técnica de voleibol e recebi esse convite desse empresário italiano (Agente B).

Nesta perspectiva, o público alvo da Agente B era mais voltado para atletas em vias de se profissionalizar. Jovens atletas que, ainda nas categorias de base, apresentavam potencial para se tornarem profissionais. em relação à proposta de trabalho, a agente propõe “um agenciamento bem próximo ao atleta buscando, é... também prever alguma coisa em termos de futuro, né? Pro atleta, parte financeira”.

Em contrapartida, o perfil apresentado pelas atletas para as quais o intercâmbio é direcionado é exatamente o oposto:

Bom, geralmente são aquelas atletas que os clubes não vêem como atleta em potencial para disputar um campeonato profissional , pra disputar uma Superliga. Essa é a primeira condição. A segunda condição são as meninas que tem muita vontade de estudar. Porque tem atletas que não têm essa vontade (Agente B) .

Surgindo da necessidade de ampliar os horizontes daquelas meninas que não conseguiam espaço no voleibol profissional, a possibilidade de aliar a continuidade no Voleibol com uma trajetória de estudos no ensino superior chama a atenção de meninas para o mercado norte-americano universitário.

A justificativa apresentada pelo Agente A parece se dar pelo fato de o esporte no Brasil não ser “um esporte voltado para a escola como nos EUA”. Sendo assim, como mencionaram também as estudantes, é enorme a dificuldade em relacionar e conciliar esporte e estudos.

A Agente B também nos traz questões acerca dos estudos. Segundo ela é praticamente impossível para uma atleta de alto rendimento conseguir estudar e jogar profissionalmente. A dedicação à carreira de atleta é quase que exclusiva e inviabiliza a continuidade dos estudos.

Ah, muito difícil. Atleta de alto nível, tá? Principalmente atleta de Seleção não tem a mínima condição de estudar. Os atletas que permanecem em clube, somente em clube, têm chance de estudar. Mas atleta que joga em seleção que são os atletas de altíssimo nível que a gente chama Seleção e Clube, não tem! Saiu da Seleção vai pro Clube, saiu do Clube vai pra Seleção, sai da seleção vai pro clube. Isso durante 10 anos (Agente B).

Complementando esta idéia, o Agente A é enfático e vai além ao falar da carga de treinamento extensa como motivo principal do distanciamento dos estudos:

No Brasil, ainda o esporte não é alinhado à Educação. Ou você joga, ou você estuda. 90% das jogadoras profissionais do Brasil não fazem faculdade. Porque elas treinam em meio período, treinam dois períodos. Pela manhã e o período da tarde que não é período da tarde, ele é tarde/noite.

A opinião da Agente B, a respeito do perfil das atletas que vão para o intercambio é bem definida:

Na verdade eu acho que ta/está bem caracterizado. Atleta que vai pra lá é o atleta que não consegue atingir um padrão aqui pra ta jogando. A nível profissional. Isso ta/está bem caracterizado. Né? O atleta ele sente isso “olha, eu não vou passar disso” aí ele fala “infelizmente tô indo” (Agente B).

É colocada, portanto a questão de que as atletas podem se direcionar para o intercambio mesmo quando na realidade a vontade seja de permanecer e tentar a continuidade na carreira dentro do voleibol. O que se mostra muito complicado visto o mercado restrito apresentado para o esporte de alto rendimento.

Dessa maneira, o fluxo de atletas em direção a ligas estrangeiras vem para suprir a carência de espaço no Brasil. Fato que não ocorre apenas no nível amador, mas também no âmbito do voleibol profissional.

É a gente buscava espaço pra quem não tinha espaço aqui. tá? [...] Antes não. Os atletas de nível recebiam propostas altas, financeiras altas o que faziam com que eles abrissem mão do nosso campeonato. Hoje não. Hoje a situação do Brasil por incrível que pareça está melhor do que, Europa, que... Os atletas todos de nível estão voltando. Tá? E só quem está indo pra fora são aqueles atletas que não tem espaço aqui. É um socorro mesmo, um pedido de socorro (Agente B).

Ainda que tenhamos na atual conjuntura do voleibol profissional no Brasil uma melhora no cenário da Superliga com o aumento do número de equipes e maior investimento financeiro, ainda é muito grande a oferta de

atletas formadas nas categorias de base se dirigindo para os clubes. Mais precisamente em Minas Gerais, atualmente contando com 3 equipes na Superliga, ainda é muito pouco para absorver tantas atletas quanto são formadas todos os anos.

O intercambio neste caso, é uma alternativa apontada por ambos os agentes como muito válido para estas atletas que nele se inserem. A possibilidade de se valer do voleibol para se conseguir uma bolsa de estudos no exterior é valiosa na visão da Agente B, ao comentar que inclusive deseja que a própria filha possa passar por experiência semelhante, ela reafirma sua opinião favorável aos intercâmbios.

Então eu falo que o sonho, o meu sonho é que a minha filha possa jogar um pouquinho de voleibol para que ela possa ta/estar usufruindo um pouquinho disso, por incrível que pareça. [risos] Eu não tenho sonhos que minha filha venha a ser uma grande profissional no voleibol ou em qualquer outro esporte.

O Agente A destaca que o intercâmbio em pouco contribui para o esporte brasileiro. Pelo contrário. Apenas demonstra a lacuna que existe no cenário esportivo universitário. Para ele os grandes beneficiados são os atletas que tem a possibilidade de experiências que seriam talvez impossíveis no Brasil atualmente.

O intercambio ele só existe porque existe uma lacuna no esporte universitário brasileiro. Eu falo o seguinte. No dia que as universidades brasileiras tiverem uma política esportiva eficaz talvez o intercambio se não morrer ele vai ficar bastante machucado [...] Então ele não ajuda, o intercambio não ajuda. Ele ajuda às atletas, as atletas sim. Ele não contribui para o esporte brasileiro. Ele contribui para as atletas especificamente.

Ainda neste sentido, os agentes mostram grande preocupação com o futuro do esporte brasileiro. Alertam para a falta de investimento no esporte, em contrapartida à grande capacitação profissional realizada no país.

Ainda assim, a massificação e a expansão da prática do voleibol no âmbito do território brasileiro ainda é falha, tendo em vista a quantidade de praticantes da modalidade no país. Como afirma o Agente A, os grandes resultados obtidos pelas seleções brasileiras mascaram a fragilidade da estrutura do voleibol nacional.

Investimento em atletas e nos centros formadores é fator fundamental para o pleno desenvolvimento e consolidação do voleibol brasileiro no cenário internacional, já que resultados expressivos já não faltam.

O tema explorado não se encerra por aqui, indo das escolinhas de esporte até as Seleções brasileiras, a trama envolvendo a de atletas e, por que não, de estudantes se mostrou bastante complexo e rico. As vozes dos sujeitos ilustram de alguma forma o quão singular é a estrutura brasileira e suas lacunas. Não menos interessante é também o segredo do sucesso que, em alguns momentos, me pareceu um tanto quanto improvável de acontecer.

Considerações Finais

Este trabalho foi realizado na perspectiva de uma discussão a respeito dos intercâmbios acadêmico/esportivos de atletas de voleibol em Minas Gerais. Dada a dificuldade de obtenção de fontes científicas que tratassem diretamente do tema proposto, busquei em temas relacionados o suporte científico necessário à realização do mesmo.

Para a construção da trama desta monografia tomei como base produções da Sociologia da Educação a respeito das estratégias educacionais e dos processos de internacionalização dos estudos, recorri também à Sociologia do Esporte para falar dos processos de formação de atletas. Ainda dentro da Sociologia busquei referências em relação ao voleibol brasileiro e seu processo de profissionalização ao longo da história deste esporte no país. Além disso, baseado em idéias de Nogueira (1995) recorri às publicações na mídia para enriquecer e buscar elementos que tratassem diretamente do assunto em pauta.

Este caminho me mostrou logo no início do trabalho o quão complexo seria a exploração deste tema. Não apenas nos momentos de contextualização literária, mas também em relação à própria dinâmica do processo de transferência de atletas e, neste caso, também estudantes para os EUA.

Foi importante perceber que este fenômeno não se encontra isolado da realidade esportiva brasileira. Pelo contrário, ele se dá exatamente devido a uma lacuna existente na estruturação do esporte nacional. Além disso, nos traz importantes pontos de reflexão acerca da estrutura educacional brasileira, principalmente no que diz respeito à sua relação com o esporte e, conseqüentemente, com a Educação Física.

A opção metodológica pela entrevista como forma principal de obtenção de informações foi elemento decisivo na constituição desta monografia. Todo o trabalho realizado nesta dissertação foi feito em virtude das entrevistas e tendo como objetivo principal a qualificação das mesmas e da interpretação dos dados obtidos a partir delas.

Ao consultar a palavra destes sujeitos tão envolvidos com os intercâmbios esportivos, me senti mais credenciado a expor considerações a

respeito do tema. Munido da palavra de alguns construtores desta realidade, me senti mais próximo do assunto e mais livre para expressar minhas interpretações a respeito deste fenômeno.

Para o processo de interpretação das entrevistas alguns eixos de análise foram elencados e aqui trago algumas considerações sobre eles:

Em relação às trajetórias, elementos semelhantes foram apresentados por todas as atletas, principalmente no tocante ao esporte de rendimento, no caso o Voleibol. Em relação ao compromisso com a escolarização diferenças foram observadas indicando uma pluralidade neste processo muito influenciada pela idéia da dedicação ao esporte. Já na relação ou conciliação das duas atividades – jogar e estudar – a dificuldade de mantê-las concomitantemente ativas foi amplamente mencionada pelas atletas principalmente quanto mais se avançavam tanto nos estudos quanto no voleibol.

O voleibol brasileiro foi fator que ganhou notoriedade nas falas das atletas. A qualidade do mesmo e o reconhecimento da qualificação das atletas formadas no nosso país foi apresentado como motivador da importação de brasileiras pelos *Colleges* e Universidades nos EUA. Na voz das atletas, não apenas os norte-americanos tem motivos para o interesse pelas brasileiras,

Há também vários fatores que motivam estas garotas a se direcionarem para o exterior. Não houve um consenso em relação aos mesmos. De qualquer forma, pude notar que a maioria delas intenciona a ampliação das possibilidades para o futuro profissional, seja no Voleibol, seja na continuidade dos estudos em nível superior. Isto só ocorreria, portanto, devido a esta possibilidade de conciliação das duas atividades que o esporte universitário permite nos EUA, diferentemente do que ocorre no Brasil onde se escolheria por um ou outro caminho.

A palavra dos agentes veio para complementar as idéias das atletas e trazer um olhar diferente, mas ainda assim muito próximo da discussão, acerca dos intercâmbios. De acordo com estes sujeitos, há um perfil de atletas que optam por se dirigir para o Voleibol norte-americano. Perfil este que se diferencia daquelas atletas que reúnem condições concretas de se tornarem profissionais no Brasil e possam dedicar-se exclusivamente ao Esporte, como o mesmo exige.

Para eles, os intercâmbios seriam uma alternativa para atletas de nível técnico menos elevado que não seriam, portanto, atletas em potencial para os clubes brasileiros. Para estes sujeitos, são as atletas as grandes beneficiadas com os intercâmbios esportivos e a experiência é muito valiosa particularmente valiosa para essas meninas.

Ainda de acordo com os agentes, pouca ou quase nenhuma é a contribuição dos intercâmbios para o esporte brasileiro. Pelo contrário, representa uma saída para a impossibilidade do grande contingente de atletas formados todos os anos no país e não encontrar espaço aqui, devido a inexistência de um esporte universitário que possibilite que atletas conciliem as duas atividades – esporte e estudos.

A problematização dos intercâmbios se mostra importante, pois, em seu diálogo com o esporte brasileiro, traz importantes considerações que ficam implícitas frente ao sucesso do Voleibol brasileiro. Ao expor fragilidades do sistema esportivo nos posicionamos frente à emergência de repensarmos o esporte brasileiro e sua lógica, no intuito de qualificar a prática desta modalidade como também das possibilidades para aqueles atletas e outros profissionais que se dedicam ao desenvolvimento do mesmo.

Esta pesquisa se mostrou como um verdadeiro desafio para mim, dada a complexidade do tema bem como o, até então, escasso referencial científico. Da mesma magnitude do desafio foi a satisfação de poder conhecer melhor esta nova possibilidade que se apresenta para o universo do esporte brasileiro, neste caso revelado através do voleibol.

Muitos temas ainda se encontram inexplorados após o término desta pesquisa, porém merecem destaque para futuros investimentos científicos. Assuntos relativos à estrutura do esporte universitário e escolar brasileiro merecem melhor atenção em futuros estudos. A relação das famílias com os intercâmbios esportivos também merece um destaque especial em pesquisas posteriores.

Tendo em vista as limitações apresentadas na realização desse estudo e considerando que os temas abordados definitivamente não se encerram por aqui, acredito ter realizado um trabalho interessante e ter contribuído com esta abordagem inicial do fenômeno dos intercâmbios esportivos dentro dos limites desta monografia.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Andréa. Estratégias educativas de internacionalização: uma revisão da literatura sociológica. *Educação e Pesquisa*, Vol. 35, n. 1, Janeiro-Abril, 2009, pp. 67-79.

BALE, John. *The brawn drain: Foreign Student-Athlete in American Universities*. University of Illinois Press, 1991.

BUENO, Kátia Maria. Os processos sociais de construção das habilidades: trama de ações e relações. 2005 399p. Dissertação (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007. 359p.

<http://voleisemfronteiras.blogspot.com/2010/07/perfil-logan-tom.html> Acessado em 25 de Novembro de 2010 às 14h e 15min

http://www.melhordovolei.com.br/o_conteudo.asp?tipo=1¬icia=n019109 Acessado em 3 de Junho de 2010 às 17h e 2min.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986

MARCHI JÚNIOR, Wanderley . *Sacando o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)*. 2001 267p. Dissertação (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

NOGUEIRA, Maria Alice. “Uma dose de Estados Unidos e Europa para cada filho”: estratégias familiares de internacionalização dos estudos. *Revista Pró-Posições* – Vol. 9 n. 1, Março 1998, pp. 113-130.

NOGUEIRA, Maria Alice; AGUIAR, Andrea Moura de Souza & RAMOS, Viviane Coelho Caldeira. Fronteiras desafiadoras: a internacionalização das experiências escolares. *Educ. Soc.* [online]. 2008, vol.29, n.103, pp. 355-376.

PIOVERSAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. *Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública*. *Rev. Saúde Pública* vol.29 no.4 São Paulo, Agosto 1995.

SILVA, Pedrita Gonçalves. O objeto de ensino da Educação Física na escola: A perspectiva dos docentes do curso de licenciatura da UFMG. 2008, 69p. Monografia de conclusão de curso – Universidade Federal de Minas Gerais.

TEIS, Denise Terezinha; TEIS, Mirtes Aparecida. A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa. 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/teis-denize-abordagem-qualitativa.pdf>

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Atletas belo-horizontinas no voleibol universitário norte-americano: análise do fenômeno de migração de estudantes-atletas brasileiras

Atletas

Em processo de ida para os EUA

1. Conte-me um pouco sobre sua vida. Sua história com os estudos e o esporte.
2. Como surgiu a idéia de ir jogar nos EUA. Como vem sendo o processo de inserção nesta nova possibilidade?
3. O que te atraiu quando surgiu esta oportunidade? O que motiva sua ida para fora do país?
4. Qual a diferença você nota entre o voleibol norte-americano e o brasileiro?
5. Por que você acredita que os norte-americanos tenha te escolhido para jogar;estudar lá e quais as vantagens você acredita levar tendo em vista sua experiência como atleta até o momento?
6. Quais são hoje seus objetivos nos EUA?
7. Cite tudo o que você acredita ser mais positiva neste tipo de experiência que você está tendo.
8. Quais são suas expectativas em termos esportivos e acadêmicos?
9. Sua família tem te apoiado neste processo. Qual é a opinião deles sobre sua ida para os EUA?

Já nos EUA

1. Conte-me um pouco sobre sua vida. Sua história com os estudos e o esporte.
2. Como surgiu a idéia de ir jogar nos EUA. Como foi o processo de inserção nesta nova realidade?
3. O que te atraiu quando surgiu esta oportunidade. O que motiva sua ida e permanência fora do país?
4. Qual a diferença você nota entre o voleibol norte-americano e o brasileiro?
5. Por que você acredita que os norte-americanos tenha te escolhido para jogar, estudar lá e quais as vantagens suas experiências como atleta aqui no Brasil te asseguraram?
6. Quais são hoje seus objetivos nos EUA?
7. Cite o que você acredita ser mais positiva neste tipo de experiência que você está tendo.
8. Quais são suas expectativas em termos esportivos e acadêmicos?
9. Sua família tem te apoiado neste processo? Qual é a opinião deles sobre sua ida para os EUA?

De volta ao Brasil

1. Conte-me um pouco sobre sua vida. Sua história com os estudos e o esporte.
2. Como surgiu a idéia de ir jogar nos EUA. Como foi o processo de inserção nesta nova realidade?
3. O que te atraiu quando surgiu esta oportunidade? O que motivou sua ida-permanência fora do país?
4. Qual a diferença que você nota entre o voleibol norte-americano e o brasileiro em relação a clubes e escolas/universidades?
5. Por que você acredita que os norte-americanos tenha te escolhido para jogar/estudar lá e quais as vantagens suas experiências como atleta aqui no Brasil te asseguraram?
6. Quais são hoje seus objetivos nos EUA.
7. Agora que você está de volta ao Brasil, como você avalia esta experiência fora? Quais foram as coisas mais importantes para você nesta experiência?
8. Como foi o apoio da sua família neste processo? Qual a importância dada pelos seus familiares a esta experiência?

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Atletas belo-horizontinas no voleibol universitário norte-americano: análise do fenômeno de migração de estudantes-atletas brasileiras

Perguntas agentes

1. Conte-me sobre a sua trajetória profissional e sua história com o voleibol.
2. Como é o trabalho que você desenvolve atualmente?
3. Como surgiu e como vem sendo este trabalho como agente/procurador?
4. De que forma é feito o recrutamento das agenciadas?
5. Qual é o perfil dessas atletas?
6. Quais os objetivos delas com o intercambio?
7. Palavra livre.

ANEXO 3

CARTA-CONVITE

Prezado (a) entrevistado (a);

Venho por meio desta convidá-lo a participar como sujeito na pesquisa: ***“Atletas belo-horizontinas no voleibol universitário norte-americano: análise sociológica do fenômeno de importação de estudantes-atletas brasileiras”***, desenvolvida por mim, como Monografia de Conclusão de Curso, e orientada pela professora Dr^a. Meily Assbú Linhales.

Em escala mundial, um fenômeno relativamente novo vem ganhando ascensão dentro da Educação. Trata-se de um movimento de circulação de estudantes entre diferentes países, principalmente no mundo ocidental, ou seja, uma internacionalização das experiências acadêmicas em países estrangeiros. Este fenômeno vem acontecendo principalmente no nível superior de ensino, tornando-o o mais internacionalizado entre os níveis de escolarização.

No caso brasileiro, não existem muitos dados estatísticos sobre o tema. De qualquer forma, podemos perceber indícios de uma forte adesão, principalmente em algumas camadas da sociedade, a este tipo de experiência acadêmica. No meio universitário brasileiro é muito comum encontrarmos relatos de estudantes que passaram por esta experiência ou até mesmo outros que têm esta pretensão. Isto nos ajuda a perceber uma valorização deste tipo de experiência no exterior e um relativo prestígio que tais vivências, principalmente quando envolvem, de fato, um período de estudos formais.

Neste cenário mundial de inter-relações acadêmicas, os Estados Unidos ocupam uma posição de destaque perante os outros países que recebem a maior parte do contingente de estudantes estrangeiros. Tanto pelo seu prestígio reconhecido em todo o mundo quanto pela sua influência política,

econômica e cultural. Para, além disso, há um diferencial norte-americano no que diz respeito ao esporte.

Desta forma os EUA apresentam uma dupla possibilidade interessante para atletas que querem dar continuidade à carreira atlética concomitantemente à acadêmica, visto que há uma aproximação entre estas duas esferas da formação de alunos/atletas nas universidades norte-americanas.

Assim sendo, proponho através deste trabalho identificar os fatores que motivam atletas brasileiras a investirem na carreira acadêmica e atlética nos EUA, assim como a relação entre as mesmas e suas famílias com o esporte e a educação e ainda a visão e o papel de treinadores e agentes/empresários neste processo.

Nesse sentido, venho consultar sobre vossa disponibilidade para conceder-me uma entrevista sobre as questões brevemente apresentadas nessa carta-convite. Estão previstas no plano de pesquisa entrevistas individuais, de aproximadamente trinta minutos que serão gravadas, transcritas e novamente submetidas aos entrevistados para a devida autorização de utilização dos dados. Esclareço ainda que, adotarei a estratégia metodológica de preservação do anonimato dos sujeitos e, assim sendo, a cada entrevista será atribuído um código identificador para posterior elaboração das categorias de análise e problematização dos dados obtidos.

Agradeço desde já vossa atenção. Espero que possa contribuir com minha pesquisa.

Cordialmente,
Rafael Gustavo Ramos Ferreira

